



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS E EMPRESARIAIS
LICENCIATURA EM CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO
RAMO: ADMINISTRAÇÃO E CONTROLO FINANCEIRO

TRABALHO FIM DE CURSO

“ANÁLISE ECONÓMICA E FINANCEIRA”

Estudo de caso: TECNICIL INDÚSTRIA

JELSON LEONEL MONTEIRO FERNANDES

Nº APR-2009.0392

Praia, Abril de 2014



ISCEE

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS E EMPRESARIAIS

LICENCIATURA EM CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO

RAMO: ADMINISTRAÇÃO E CONTROLO FINANCEIRO

TRABALHO FIM DE CURSO

“ANÁLISE ECONÓMICA E FINANCEIRA”

Estudo de Caso: TECNICIL INDÚSTRIA

JELSON LEONEL MONTEIRO FERNANDES

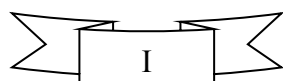
Nº APR-2009.0392

Orientador: Doutor Emílio Rodrigues Membrado

Praia, Abril de 2014

DEDICATÓRIA

À minha querida mãe Amélia Silva Monteiro, ao meu pai António Gomes Fernandes, *in memória*. Aos meus queridos irmãos pelo incentivo e dedicação com todo o amor.



AGRADECIMENTOS

A elaboração do presente trabalho foi graças ao apoio de algumas personalidades e entidades, pelo que agradeço desde já, a todos aqueles que me apoiaram para que hoje este trabalho fosse realidade.

Agradeço à minha mãe pelo amor, apoio moral, financeiro e espiritual na minha formação e aos meus irmãos, pelo apoio moral e financeiro que me deram durante toda a etapa da minha formação.

Agradeço ao meu professor orientador, Emílio Rodrigues, pela disponibilidade que generosamente nos dedicou transmitindo-nos os melhores e mais úteis ensinamentos, com paciência, lucidez e confiança e também pela competência com que me orientou no âmbito da elaboração deste trabalho.

Um agradecimento especial a todos os colegas da formação, que juntos conseguimos ultrapassar momentos difíceis, aos funcionários da TecniciL Indústria, ao Diretor Financeiro por ter disponibilizado dados suficientes para a elaboração do mesmo.

O meu agradecimento é extensivo a todo o corpo docente do Instituto Superior de Ciências Económicas e Empresariais.

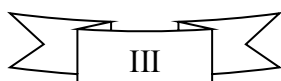
RESUMO ANALÍTICO

O principal objetivo do presente trabalho é expor a pertinência da análise económica e financeira como instrumento de apoio no processo da tomada de decisão. Na conjuntura global da realidade económica atual, todas as empresas, qualquer que seja a sua natureza e dimensão, há uma política de investimento e problemas de gestão a resolver que exigem um conhecimento exato da sua situação económica e financeira de modo a facilitar tomada de decisões oportunas. Muitas empresas com problemas financeiros sentem dificuldades na sua resolução em virtude de não analisarem corretamente a sua vertente económica e financeira que se encontra subjacente a toda actividade empresarial. Para além das preocupações técnicas de produção e comercialização, há que considerar um conjunto de tarefas relacionado com a gestão de tesouraria, com a política de investimento financeiro e distribuição dos resultados e com análises e controlo da rentabilidade previsional efectivo das aplicações financeiras.

Por muito tempo, a maximização dos lucros foi considerado como o objectivo principal de uma empresa, porém, hoje, considera-se que o objectivo principal é a maximização do valor da empresa ou seja, o valor atualizado dos fluxos monetários que no futuro a empresa poderá conferir aos titulares do seu capital. Convém salientar que a fonte da criação do seu valor não é a situação económica e financeira da empresa, mas sim a sua vantagem competitiva que está assente nos seus produtos, recursos humanos, tecnologias, entre os outros.

Neste sentido vou desenvolver alguns conceitos e técnicas fundamentais de análise e mensuração do desempenho económico e financeiro das empresas que igualmente será útil, quer a nível académica, como também a nível profissional. Sendo assim, terei todas as condições de concluir que as decisões devem ter sempre em consideração a situação financeira da empresa e que consequências que essas decisões podem trazer ao património da empresa.

Palavras-chaves: Empresa, Função Financeira, Análise Económica e Financeira, Demonstrações Financeiras.



ABSTRAT

The main objective of this work is to describe the relevance of economic and financial analysis as a tool to support the process of decision making. In the global context of the current economic reality, all companies, whatever their nature and size, there is an investment policy and management problems to solve that require an accurate knowledge of their economic and financial situation in order to facilitate decision making timely. Many companies with financial problems have difficulties in its resolution due to not properly analyze their economic and financial aspect that is underlying all business. In addition to the technical concerns of production and marketing, it must be considered asset of related treasury management, with the policy of financial investment and distribution of the results and analysis and control of effective forecasting profitability of investments tasks.

For long time, profit maximization was considered as the main objective of a company, but today it is considered that the main objective is the maximization of firm value, in other words, the present value of cash flows in the future the company may give the holders of its capital. It should be noted that the source of the creation of value is not the economic and financial situation of the company, but its competitive advantage is based on its products, human resources, technology, among others.

In this sense I will develop some fundamental concepts and techniques of analysis and measurement of the economic and financial performance of the companies that will also be useful, whether academic level, but also at the professional level. Thus, we will be able to conclude that decisions should always take into account the financial situation of the company and what consequences those decisions can bring to business assets.

Keywords: Company, Financial Function, Economic and Financial Analysis, Financial Statements.

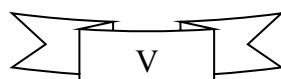
LISTA DE QUADROS / GRÁFICOS / FIGURAS

QUADROS

Quadro 1 - Regra do equilíbrio financeiro mínimo.....	20
Quadro 2 - Balanço Patrimonial	21
Quadro 3 - Balanço Funcional.....	22
Quadro 4 - Balanço patrimonial.....	44
Quadro 5 - Balanço funcional.....	47
Quadro 6 - Equilíbrio financeiro.....	47
Quadro 7 - Demonstração de resultado	50
Quadro 8 - Demonstração de fluxo de Caixa	53
Quadro 9 - Influência das rubricas do ativo corrente na liquidez geral	59
Quadro 10 - Ponto crítico das vendas e Margem de segurança	70

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Liquidez geral.....	56
Gráfico 2 - Liquidez reduzida.....	57
Gráfico 3 - Liquidez imediata.....	58
Gráfico 4 - Rácios de endividamento	60
Gráfico 5 - Autonomia financeira	61
Gráfico 6 - Solvabilidade.....	61
Gráfico 7 - Rotação do ativo	62
Gráfico 8 - Rotação do inventário	63
Gráfico 9 - Prazo médio de recebimento	64
Gráfico 10 - Prazo médio de pagamento	65
Gráfico 11 - Rendibilidade operacional das vendas	65
Gráfico 12 - Rendibilidade líquida das vendas	66
Gráfico 13 - Rendibilidade do capital próprio.....	67
Gráfico 14 - Rendibilidade operacional do ativo	68
Gráfico 15 - Grau de alavancagem operacional e financeira	69



FIGURA

Figura 2 - Pirâmide dos rácios..... 72

ÍNDICE

DEDICATÓRIA.....	I
AGRADECIMENTOS.....	II
RESUMO ANALÍTICO.....	III
ABSTRAT.....	IV
LISTA DE QUADROS / GRÁFICOS / FIGURAS.....	V
ABREVIATURA.....	X
CAPÍTULO I.....	1
1.1 Apresentação do Tema.....	1
1.2 Justificação do Tema.....	1
1.3 Importância do Tema.....	2
1.4 Problemática do Tema.....	2
1.5 Pergunta de Partida.....	3
1.6 Objetivos.....	3
1.6.1 Gerais.....	3
1.6.2 Específicos.....	3
1.7 Procedimento Metodológico.....	4
1.8 Estrutura do Trabalho.....	4
CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	5
2.1 Função Financeira.....	5
2.1.1 Conceitos e Objetivos.....	6
2.1.2 Tarefas da Função Financeira.....	7
2.1.3 Limitação da Função Financeira.....	9
2.2 Análise Económica e Financeira.....	10
2.2.1 Conceito e Objetivos.....	10
2.2.2 Documentos Contabilísticos.....	12
2.2.2.1 Balanço.....	13
2.2.2.2 Demonstração de Resultados.....	15
2.2.2.3 Demonstração dos Fluxos de Caixa.....	16
2.2.2.4 Limitação de Documentos Contabilísticos.....	17

2.3	Metodos de Analise Economica e Financeira.....	18
2.3.1	Análise Vertical e Horizontal.....	18
2.3.2	Equilíbrio Financeiro.....	19
2.3.2.1	Análise Patrimonial ou Tradicional do Equilíbrio Financeiro.	21
2.3.2.2	Análise Funcional do Equilíbrio Financeiro.....	22
2.3.3	Métodos dos Rácios.....	25
2.3.3.1	Classificação dos Rácios.....	26
2.3.3.2	Análise Estática e Dinamica no Estudo da Rentabilidade.....	34
2.3.3.3	Vantagens dos Rácios.....	34
2.3.3.4	Limitação dos Rácios.....	34
2.3.4	Indicadores de Risco.....	35
CAPÍTULO III – ESTUDO DE CASO: TECNICIL INDÚSTRIA.....		38
3.1	Apresentação e Caracterização da Tecnicil Indústria.....	38
3.1.1	Localização dos Estabelecimentos e Produtos Vendidos.....	39
3.1.2	Desenvolvimento da Tecnicil Indústria.....	39
3.1.3	Visão, Missão e Objeto da Tecnicil Indústria.....	40
3.1.4	Organização da Tecnicil Indústria.....	41
3.1.5	Outros Mercados.....	42
3.2	Análise Económica e Financeira da Tecnicil Indústria.....	43
3.2.1	Ajustamento das Demonstrações Financeiras.....	43
3.2.2	Análise das Demonstrações Financeiras.....	44
3.2.3	Análise dos Rácios	56
3.2.4	Indicadores de Risco.....	69
3.2.5	Pirâmide dos Rácios.....	72
3.2.6	Parecer Final.....	74
3.2.7	Sugestão de Melhorias.....	77
CONSIDERAÇÕES		
FINAIS.....		78
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....		80
ANEXO.....		82
APÊNDICE.....		86

ABREVIATURAS

AC - Ativo Corrente

A n C - Ativo não Corrente

AH - Análise Horizontal

AV - Análise Vertical

AVBP - Análise Vertical do Balanço Patrimonial

AVDR - Análise Vertical da Demonstração de Resultados

CMVMC - Consumo de Mercadorias Vendidas Materiais Consumidas

CP - Capitais Próprios

DF - Demonstrações Financeiras

DFC- Demonstração de Fluxos de Caixa

DR- Demonstração de Resultados

FMF- Fundo de Maneio Funcional

FSE- Fornecimento e Serviço Externo

GAF- Grau de Alavanca Financeira

GAO- Grau de Alavanca Operacional

IVA- Imposto sobre Valor Acrescentado

NFM- Necessidade em Fundo de Maneio

PC - Passivo Circulante

PMP- Prazo Médio de Pagamentos

PMR- Prazo Médio de Recebimento

AF- Autonomia Financeira

RB- Resultado Bruto

RBV- Rendibilidade Bruta das Vendas

RCP- Rendibilidade dos Capitais Próprios

RL - Resultado Líquido

LG- Liquidez Geral

LI- Liquidez Imediata

CAPÍTULO I

1.1 Apresentação do Tema

Para a obtenção do grau Licenciatura em Contabilidade e Administração – Ramo Administração e Controlo Financeiro ministrado pelo ISCEE – Instituto Superior de Ciências Económicas e Empresariais, decidi fazer um breve estudo sobre Análise Económica e Financeira das Demonstrações Financeiras das Empresas, tomando particularmente a empresa Tecnicil Indústria como exemplo.

Portanto, o objetivo deste trabalho é diagnosticar a situação económica e financeira da Tecnicil Indústria, tomando como ponto de partida as demonstrações. Analisando as demonstrações financeiras e tendo o apoio dos indicadores, terei todas as informações necessárias para saber qual é a real situação económica e financeira da Tecnicil Indústria, através do conhecimento de pontos fundamentais da sua estrutura, como a sua capacidade de honrar compromissos, possibilidade de falência e entre outras.

É de realçar que com a realização deste trabalho, enriquecerei os meus conhecimentos em relação a este tema, mas também proporcionarei aos colaboradores e públicos, as informações cruciais sobre a situação da Tecnicil Indústria.

1.2 Justificação do Tema

A eleição deste tema deve-se, essencialmente ao facto de para além da sua importância no mundo empresarial e decisão de negócios, consolidar os conhecimentos adquiridos na área financeira durante toda etapa da minha formação.

Tendo em conta a grande conjuntura que arrasta a vários países do mundo, inclusive a Cabo Verde, vários setores de atividades são afetados por esse enorme flagelo, e o sector industrial não fica imune. Desta feita quero apontar à Tecnicil Indústria algumas soluções para a resolução dos seus problemas.

Certamente que com os sinais do mercado e a conjuntura económica, os utentes das demonstrações financeiras estarão interessados em saber qual é a situação da empresa. Partindo deste ponto, considero imprescindível fazer uma análise económica e financeira de uma empresa do setor industrial (Tecnici Indústrias), de modo a auxiliar os decisores na tomada de decisão e os utentes na interpretação da informação financeira.

1.3 Importância do Tema

A análise económica e financeira ajuda a empresa conhecer a sua situação e tomar medidas de modo a sanar as dificuldades, impulsionando o seu crescimento. Com as análises das evoluções da empresa é possível projetar situações que a empresa pode vivenciar num futuro próximo.

Nos últimos anos, o setor industrial tem sido objeto de atenção por ser, normalmente, gerador de quantidades significativas de emprego e forte base de desenvolvimento económico de Cabo Verde e outros países. Entretanto, o crescimento da indústria implica uma maior gestão de recursos disponíveis, tendo em conta que a concorrência torna-se evidente. Nesta situação, é imprescindível a garantia e fidelização dos clientes de modo a salvaguardar a sustentabilidade do negócio.

1.4 Problemática do Tema

É importante ter a noção e o conhecimento sobre as demonstrações financeiras da Tecnici Indústrias, mas não basta apenas perceber o significado das suas demonstrações, ou seja, torna-se crucial fazer um estudo através de indicadores económicos e financeiros.

Esses indicadores servem como elemento de análise do desempenho da empresa num determinado período de tempo e nos dão a capacidade de fazer projeções e estimativas sobre a evolução de empresas.

A análise económica e financeira de uma empresa através desses indicadores e rácios é considerada um dos métodos mais empregados pelos analistas e gestores para a medição

do desempenho empresarial, sendo possível determinar os principais aspetos da situação económico-financeira do empreendimento.

1.5 Pergunta de Partida

Em consonância com os objectivos traçados, e tendo em conta a natureza do estudo em si, formulo a seguinte Pergunta de Partida:

- ✓ Como se encontra a situação económica e financeira da empresa Tecnicil Indústria durante o período 2010 a 2012?

1.6 Objetivos

1.6.1 Gerais

A realização deste trabalho tem como objetivo analisar a situação económica e financeira da empresa Tecnicil Indústria nos últimos três anos, utilizando os indicadores económicos e financeiros, considerados pertinentes na elaboração de um diagnóstico económico-financeiro que auxilia a empresa na tomada de decisão.

1.6.2 Específicos

Tendo o conhecimento dos objetivos gerais, podem destacar-se os seguintes objectivos específicos:

- ✓ Estudar os conceitos teóricos considerados fulcrais numa análise económica e financeira;
- ✓ Determinar quais são os documentos e os métodos que servem como base da análise económica e financeira;
- ✓ Fazer um diagnóstico da empresa Tecnicil Indústria, com vista a conhecer qual é a real situação económica e financeira da empresa, nos últimos três anos;
- ✓ Identificar os problemas que afetam o desempenho da empresa e propor soluções de melhoria.

1.7 Procedimento Metodológico

Tendo em conta que a realização deste trabalho exige uma investigação intensa de todos os recursos à disposição, tornará necessário fazer uma pesquisa documental, uma revisão da literatura e dos pontos de vistas dos principais autores das referências bibliográficas, uma síntese das monografias anteriores, das teses, das pesquisas de alguns sites na internet e um resumo dos jornais e das revistas técnicas, denominadas de importantes no que concerne às metodologias da análise económica e financeira de um setor e sobretudo o relatório de contas da empresa Tecnicil industria.

As fontes utilizadas para as pesquisas consistem na consulta das demonstrações financeiras e relatórios de contas da empresa.

1.8 Estrutura do Trabalho

Com a finalidade de compreender o conteúdo do trabalho, irei estruturar o trabalho em 3 grandes capítulos, para além das partes pré-textuais e pós-textuais, da introdução , da sugestões de melhorias e conclusão.

- ✓ **Capítulo 1** – Trata-se do capítulo onde pretendo ilustrar aos leitores acerca da problemática, da importância, dos objectivos, bem como o porquê da escolha do tema;
- ✓ **Capítulo 2** - Apresenta-se uma revisão teórica, que vai servir de base para caracterizar o trabalho prático, debruçando sobre os conceitos, objetivos, tarefas e limites da função financeira, sobre a análise económica e financeira, sobre a análise vertical e horizontal, e por fim, sobre as técnicas e instrumentos da análise.
- ✓ **Capítulo 3** - Faz-se de uma forma sucinta, a caracterização da Tecnicil Indústria e a sua análise através das técnicas e instrumentos da análise económica e financeira, utilizando as informações financeiras provenientes das demonstrações financeiras.

CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA ANÁLISE ECONÓMICA E FINANCEIRA

Neste capítulo pretendo expor alguns dos conhecimentos teóricos necessários à realização do estudo económico e financeiro da empresa, e os conceitos subjacentes, bem como a explanação de um conjunto de técnicas e métodos usados para a sua avaliação e interpretação.

2.1 Função Financeira

A estrutura organizacional de uma empresa é composta por diversas funções e de entre elas, podemos destacar a função da produção, a função de marketing, a função administrativa, a função dos recursos humanos, mas o mais importante de todas as funções, são as funções financeiras tendo em conta que todo o processo de pagamentos e recebimentos além da gestão do dinheiro que entra e sai, é da responsabilidade do gerente, diretor e supervisor financeiro.

Nos finais dos anos 50, a função financeira provocou mudanças nas empresas, devido a uma grande revolução da gestão financeira, conduzido pelo Modigliani Miller.

“Antigamente a função financeira de uma empresa era muito centrada nos fluxos financeiros (realizar pagamentos e assegurar recebimentos) e na obtenção de fundos externos (tradicionalmente à banca), sempre que tal fosse necessário para o normal desenvolvimento da sua atividade. Hoje cada vez mais a gestão financeira empresarial deve também ser perspectivada com outros horizontes e dimensões”. (Mota, A. & Custódio C. 2012:15).

A pertinência da função financeira oscila em função do seu tamanho de uma empresa. Em uma pequena empresa, a função financeira normalmente é exercida pelo departamento de contabilidade que responsabiliza sobre a concessão de crédito, cobrança e pagamentos, e gestão de fundos. À medida que a empresa cresce, o

funcionamento das suas finanças também ganha a importância, evoluindo para um departamento autónomo, geralmente ligado diretamente à presidência da empresa, de onde emanam as decisões estratégicas que serão suportadas pela área financeira.

2.1.1 Conceitos e Objetivos

Existem vários conceitos associados a função financeira, dependendo de autor para autor.

Sanvicente, António Zoratto, (1981:25), defende que segundo ARCHER e D'AMBROSIO, (1969:367), “a função financeira compreende os esforços despendidos objetivando a formulação de um esquema que seja adequado à maximização dos retornos dos proprietários das acções ordinárias da empresa, ao mesmo tempo em que possa propiciar a manutenção de um certo grau de liquidez”.

A função financeira é vista como um conjunto de pessoas e serviços, que dentro de uma organização, assumem a sua gestão financeira, preparando e executando as decisões financeiras. Consiste na preparação e tomada das decisões financeiras, onde se englobam as vertentes da análise e gestão financeira (Fernandes, C. 2012:21).

A função financeira é o processo de obtenção de recursos financeiros que permitem à empresa alcançar e manter o seu nível de atividade desejada. Entretanto a obtenção desses recursos financeiros deve ser ponderada com base em indicadores relativos à empresa mas que vão muito para além dela, abrangendo toda a sua envolvente desde o mercado em que a atua até à conjuntura económica em que ela tem de actuar.

Segundo Sanvicente, António Zoratto, (1981:25), “o objetivo da função financeira é obter a maior rentabilidade possível sobre o investimento, desde que não seja comprometida a liquidez da empresa”

A função financeira tem como principal objetivo, a criação dos valores para os accionistas, através da maximização do valor da empresa. Para que isso seja possível, é necessário estruturar o capital da empresa de forma adequada, delinear formas de

remunerar os capitais próprios, implementar a melhor política de crescimento dos dividendos, eliminar ou amenizar os riscos no âmbito das decisões de investimento e criar formas de obter uma rentabilidade esperada numa proporção superior ao nível do risco incorrido.

Existe uma incerteza no que diz respeito aos investimentos, ou seja, muitas empresas questionam qual é a melhor forma de investir: Aplicar no investimento todos os recursos disponíveis (o que levará a maior rentabilidade possível para uma dada empresa), ou manter inativos alguns recursos para prevenir ou proteger contra riscos, de não se poder pagar alguma dívida. De uma certa forma é sempre bom estar preparado cobrir os riscos, tendo em conta que o risco do mercado não pode ser eliminado, mas é necessário estar consciente de que manter recursos inativos, não produz nenhuma rentabilidade.

2.1.2 Tarefas da Função Financeira

De acordo com Nabais, C. e Nabais, F. (2009:16), “a função financeira tinha como uma das principais tarefas efetuar os recebimentos e pagamentos decorrentes da realização da sua atividade e a manutenção de um saldo de disponibilidade que permitisse o normal funcionamento da empresa. Com a dinamização da atividade económica e com as novas responsabilidades da empresa surgem novas tarefas na função financeira, ultrapassando assim, o domínio das decisões operacionais”.

Entre essas tarefas destacam-se:

- i.** A inventariação das necessidades de recursos financeiros;
- ii.** A obtenção vantajosa de recursos financeiros;
- iii.** A aplicação racional dos recursos financeiros.

Estas tarefas estão sujeitas a critérios que se prendem com o alcance de níveis de rentabilidade aceitáveis e de equilíbrios financeiros.

Neves, (2004:15) considera que a moderna gestão financeira possui as seguintes tarefas:

- I.** Uma Estratégia financeira considerada de médio e longo prazo, constituída com base numa:
- a.** Política de investimentos, que assume um papel crucial e preocupa-se fundamentalmente com a análise da rendibilidade e dos riscos potenciais das decisões que, envolvendo um horizonte temporal alargado, implicam um dispêndio de fundos no presente em troca de um potencial entrado de fundos no futuro;
 - b.** Política de financiamento, que visa principalmente, proporcionar à empresa os fundos de que esta necessita, em função da sua política de investimento e de desenvolvimento;
 - c.** Política de distribuição de resultados, que tem um carácter marginal e dedica-se ao estudo da melhor forma de afetar a riqueza adquirida pela empresa entre a retenção em reservas e o pagamento de dividendos aos acionistas.
- II.** Uma decisão operacional considerada de curto prazo, ou simplesmente chamado de gestão de tesourarias em sentido lato, constituída com base numa:
- a.** Gestão dos ativos circulantes, que compreende, para além da já referida gestão de caixa e equivalentes, a gestão ou controlo do crédito concedido aos clientes, o controlo financeiro dos inventários de existências e a aplicação dos excedentes temporários de tesouraria;
 - b.** Gestão dos débitos a curto prazo, que engloba a gestão das relações financeiras com os fornecedores e restantes devedores correntes (Estado e outros entes públicos), assim como a cobertura dos défices temporários de tesouraria.

Nabais, C. e Nabais, F. (2009:16), afirma que “nas décadas posteriores, a função financeira ganhará maior importância, em resultado da escassez de recursos financeiros, das necessidades de investimento e sobretudo como consequência do dinamismo da actividade económica e do aumento da competitividade ao nível internacional”.

Isso demonstra que hoje em dia um gestor financeiro não se limita a ser um mero tesoureiro (gestão das disponibilidades) da empresa. A internacionalização das economias, o desenvolvimento das comunicações, dos mercados financeiros, provocando um alargamento do horizonte empresarial, fez com que o gestor financeiro se sente obrigado a recolher informações sobre o meio político, social e económico, tendo em conta que essas informações constituem elementos decisivos para análise da rentabilidade previsional e efectiva das aplicações dos recursos e também desempenho das suas tarefas.

2.1.3 Limitação da Função Financeira

É de realçar que a função financeira auxilia a empresa na criação de valor para os acionistas, mas no que diz respeito às limitações, importa-se dizer que a função financeira, reflecte apenas a ótica financeira, mesmo tendo em conta que não é somente a parte financeira que constitui uma empresa.

A empresa é uma unidade económica autónoma que mantém um contacto dinâmico com a envolvente. Portanto, a natureza dos seus problemas não se resume só a aspectos de natureza exclusivamente financeira.

Levando em consideração, que a criação do valor é uma das finalidades da função financeira, esta não é conseguida através da situação financeira da empresa, mas sim através da capacidade de transformar as vantagens competitivas da empresa em fluxos de caixa futuros. Portanto, para além dos resultados conseguidos na ótica financeira, a empresa necessita de agregar a esses resultados, alguns valores que garanta a sobrevivência e o desenvolvimento da empresa.

Uma outra limitação deriva do fato de que os resultados da aplicação dos métodos e técnicas propostas pela teoria financeira dependem da qualidade e da fiabilidade da informação utilizadas, das previsões e dos pressupostos em que se baseiam.

Embora a função financeira possua algumas limitações, ela é a função mais importante da gestão de uma empresa, uma vez que é a única função da empresa que integra a análise económica e financeira. Não se pode fazer uma boa análise financeira das demonstrações financeiras da empresa, sem que a empresa possua a função financeira. Dentro de qualquer empresa, a função financeira está diretamente relacionada com as políticas de investimentos e de financiamentos. Mas, vale a pena dizer que nas empresas com finalidades lucrativas, todas as outras funções visam obter grandes rendimentos e lucros.

2.2 Análise Económica e Financeira

Da antiguidade para o contemporâneo, a análise económica e financeira esteve em constante evolução. Essa evolução foi marcada pelo acréscimo dos riscos financeiros a que as empresas estavam expostas, pela crescente importância das emissões de títulos no financiamento das empresas e pela consequente relevância quer da gestão de tesouraria, quer das variáveis financeiras. O motivo da evolução económica e financeira foi o acréscimo do número de entidades que emitem os pareceres sobre a situação da empresa, deste modo não estando já este papel reservado apenas aos bancos.

Com esta evolução, tornou-se claro que a saúde financeira da empresa é analisada de diversas formas, tendo em conta que não se trata de uma ciência exata.

2.2.1 Conceito e Objetivos

Existem múltiplos conceitos da análise financeira, dependendo da opinião dos autores.

Conforme Nabais, C. e Nabais, F. (2009:17), a análise económico-financeira, “compreende um conjunto de técnicas que visam o estudo da situação económica e financeira da empresa através da análise de documentos e visa dotar os responsáveis da organização e outras entidades de informação económica e financeira adequada para a tomada de decisões”.

Neves, (2004:36), afirma que a “análise financeira é um processo baseado num conjunto de técnicas que têm por fim, avaliar e interpretar a situação económica e financeira da empresa”.

Segundo Borges, A., et al. (2004:294), a “análise financeira é um conjunto de técnicas destinadas a dar a conhecer a situação económica (através da análise dos resultados e dos fatores que condicionam a produtividade, o valor acrescentado, a estrutura de custos, etc...), financeira (através da análise do equilíbrio financeiro, solvabilidade, endividamento, ciclo de exploração, etc...) e monetária (avaliando os meios libertos da atividade) das empresas ou de outras organizações, a partir de documentos de informação contabilística e financeira”.

Nabais, C. e Nabais, F. (2009:23), afirma que “a análise económica trata-se de uma análise de rendibilidade e do crescimento como fatores de criação de valor sem, contudo, esquecer as outras medidas de eficiência de gestão que avaliam o desempenho económico da empresa”.

A análise económica e financeira permite-nos fazer uma avaliação ou um estudo da viabilidade, estabilidade e lucratividade de um negócio ou projeto, com base nos documentos contabilísticos, para que seja possível fazer prognósticos sobre o desempenho das empresas e propor medidas correctivas.

Desta forma, podemos afirmar que a análise económica e financeira é um instrumento de transformação de informação essencial para a tomada de decisões, que se podem estender muito para além daquelas tomadas pelos gestores financeiros da própria empresa em estudo.

Tendo em conta que a análise económica e financeira recorre inevitavelmente às informações produzidas pelas empresas, ela tem objetivo permitir uma compreensão simultaneamente mais rápida e profunda das informações disponíveis, sempre com vista a sua utilidade percebida pelos utilizadores (Pinho, C. e Tavares, S. 2005:51).

Segundo Nabais, C. e Nabais, F. (2009:27), compete à análise económica e financeira não só medir a rendibilidade, a liquidez e a solvabilidade, mas também medir a sua atratividade, identificar as vantagens, o risco do negócio da atividade e verificar se a empresa cria valor para os seus acionistas numa perspetivas histórica e previsional.

A análise económica e financeira possui o objectivo informacional, isto porque fornece a informação financeira extraída das demonstrações financeiras, que pode servir como instrumento de comunicação interna e também como instrumento de decisão por parte das entidades externas que estão interessadas nas informações financeiras das empresas, mas apresenta algumas controvérsias, visto que ela é muito estática e limita somente a estudar e encontrar os problemas e não oferece sugestões de melhorias.

Para avaliar as demonstrações financeiras de uma empresa, é crucial que o analista financeiro constitua um modelo teórico que lhe permita fazer um ajustamento e transformação das informações financeiras numa linguagem simples, que auxilia os responsáveis e os utentes da empresa na tomada de decisão.

Para ajustar e transformar as informações financeiras, o analista deve recorrer a outros tipos de informações denominadas de informações complementares ou extra contabilísticas, considerado como um grande suporte no âmbito da elaboração de um estudo objetivo e rigoroso.

2.2.2 Documentos Contabilísticos

O diagnóstico económico-financeiro é um processo contínuo com o objetivo de avaliar a situação patrimonial da empresa, utilizando um conjunto de técnicas que se baseiam nos nas demonstrações financeiras e nas atividades extra contabilísticas, que resumem um conjunto alargado de informações económico-financeiro (Nabais, C. e Nabais, F. 2011:31).

As análises das demonstrações financeiras são divididas em:

- I. **Situação financeira:** apresentada pelos índices de liquidez (medem a capacidade da empresa em honrar seus compromissos) e pelos índices de endividamento (mostram as grandes linhas de decisões financeiras, em termos de origens e aplicações de recursos);
- II. **Situação económica:** apresentada pelos índices de rentabilidade (mostram qual a rentabilidade dos capitais investidos) e pelos índices de atividade (mede a velocidade com que as contas do ativo circulante são convertidas em vendas ou interferem nas disponibilidades).

O balanço patrimonial, a demonstração dos resultados líquidos, e as demonstrações dos fluxos de caixa são os principais elementos a serem objetos da análise económica e financeira, e sintetizam um conjunto de informações que permitem aos analistas avaliar e interpretar a situação económica e financeira da empresa, centrando se em questões fundamentais para a sobrevivência e desenvolvimento da empresa, tais como o equilíbrio financeiro, a rentabilidade de capitais, o crescimento, o risco e o valor criado pela gestão.

2.2.2.1 Balanço

O balanço é uma demonstração financeira que apresenta a posição financeira de uma empresa no final do seu exercício económico e divulga, devidamente agrupados e classificados, os ativos, os passivos e o capital próprio de uma empresa, (Costa & Alves 2001:133).

Nabais, C. e Nabais, F. (2011:32) afirma que na perspetiva contabilística, o balanço expressa a situação patrimonial da empresa. A sua situação económica e financeira deriva dos fluxos económicos, dos fluxos financeiros induzidos e autónomos numa determinada data.

O balanço refere-se a um conjunto de bens e direitos que constituem o activo, bem como as obrigações que compõem o passivo. O capital próprio e o passivo representam as origens de capital e o ativo as respectivas aplicações.

A equação de equilíbrio do balanço

$$\text{Ativo} = \text{Passivo} + \text{Capital próprio}$$

✓ **Ativo**

Segundo a estrutura conceptual § 48 do SNCRF, o ativo é um recurso controlado pela empresa, proveniente de acontecimentos passados e do qual se esperam que fluam benefícios económicos futuras para a empresa. Convém referir que um ativo pode ser usado na produção de bens e serviços, usado para liquidar o passivo, trocado por outros ativos ou distribuído aos proprietários da empresa.

✓ **Passivo**

De acordo com a estrutura conceptual § 56 do SNCRF, um passivo é uma obrigação presente de uma empresa, resultante de acontecimentos passados, que no âmbito da sua liquidação se espera obter uma diminuição de caixa e seus equivalentes. Normalmente essa obrigação existirá quando houver um acordo irrevogável para adquirir o ativo ou quando o ativo for entregue.

É de salientar que um passivo pode liquidado através de pagamento a dinheiro, transferência de outros ativos, prestação de serviços, conversão de obrigação em capital, ou substituição de uma obrigação por outra obrigação.

✓ **Capital próprio**

A estrutura conceptual § 62 do SNCRF sustenta que o capital próprio é o interesse residual depois de deduzir dos ativos da empresa, todos os seus passivos. A quantia atribuída ao capital próprio depende da mensuração dos bens, direitos e obrigações.

O capital próprio é um conjunto composto por capital subscrito e realizado pelos acionistas e por valores criados pela empresa.

Em suma, podemos afirmar que um ativo corresponde as rubricas que dizem respeito à forma como é que a empresa está a usar os capitais, ou seja, investimentos que fazem nos ativos. O passivo mostra a origem dos fundos pertencentes a credores. O capital próprio mostra os fundos fornecidos pelos sócios ou accionistas acumulados com a riqueza criada pela própria empresa.

2.2.2.2 Demonstração de Resultados

“A demonstração de resultados explica ou demonstra a formação dos resultados num determinado período” (Neves, 2004:48).

A finalidade da demonstração do resultado é o apuramento do resultado líquido do exercício, oriundos da diferença entre os rendimentos e os gastos. A apresentação dos resultados pode ser tendo em conta a natureza dos gastos e rendimentos ou agrupando-os por funções, ou seja, demonstração de resultados por funções.

✓ Demonstração de Resultado por Natureza

Esta demonstração preocupa-se em averiguar os resultados, agregando os gastos e os rendimentos em grupos homogêneos, segundo a sua natureza.

É de salientar que os gastos e os rendimentos são classificados em três categorias, tendo em conta a sua ligação às operações desenvolvidas pela empresa:

- ✓ Os gastos operacionais e os rendimentos operacionais, relativos a operações gerados pelo ciclo de exploração;
- ✓ Os gastos financeiros e os rendimentos financeiros provenientes das operações financeiras;
- ✓ Os gastos extraordinários e os rendimentos extraordinários relativos a operação alheia à actividade normal da empresa.

Neves (2004:50), afirma que nas empresas onde não existem a contabilidade analítica, o documento mais utilizado pelos analistas financeiro, é a demonstração de resultados por natureza, tendo em conta que apresenta maior fiabilidade e consistência em termos de gastos e rendimentos.

✓ **Demonstração de Resultados por Funções**

No sentido inverso, a demonstração de resultados por funções requer a reclassificação dos gastos e rendimentos numa óptica funcional que é realidade da empresa, evidenciando-se os gastos por funções clássicas da empresa como a produção, distribuição, administrativa e financeira.

O resultado da empresa é utilizado como uma medida de desempenho. Se esses resultados forem positivos, isso significa que os rendimentos são suficientes para anular os gastos; Se forem negativos, isso quer dizer os rendimentos não são suficientes para cobrir todos os gastos e se forem nulos, estamos numa situação em que os dois componentes do resultado são iguais.

2.2.2.3 Demonstração dos Fluxos de Caixa

A demonstração de fluxo de caixa é uma fonte de análise nos permite identificar quais são os fluxos monetários de exploração, de investimento e de financiamento de uma empresa, ou seja, a liquidez da empresa.

O fluxo de caixa é uma ótima ferramenta para auxiliar o administrador da empresa nas tomadas de decisões. Ela tem como finalidade informar sobre os recebimentos e os pagamentos resultante das atividades da empresa num determinado período.

Nabais, C. e Nabais, F. (2009:182), afirma que o mapa do fluxo de caixa está dividido em três grandes ciclos de atividades da empresa:

- ✓ **Atividade operacionais** – constituem as principais atividades (relacionadas com as exploração) da empresa e outras atividades que não sejam nem investimentos e nem de financiamentos;

- ✓ **Atividade de investimentos** – compreendem as atividades relacionadas com os ativos fixos tangíveis, intangíveis e investimentos financeiros que se refletem no balanço;
- ✓ **Atividade de financiamentos** – Compreendem os recursos obtidos através dos meios financeiros de curto e longo prazo e os pagamentos dessas dívidas e os respetivos rendimento.

A principal informação proporcionada pela DFC, é conhecer as alterações na posição financeira, ou seja permite aos utentes interessados saber qual a atividades da empresa que está a gerar caixa ou equivalentes de caixa.

2.2.2.4 Limitação de Documentos Contabilísticos

Neves (2004:73), apresenta em especial algumas limitações dos documentos contabilísticos:

- ✓ Não reflectem valores actuais, tendo em conta que a contabilização baseia no princípio do custo histórico;
- ✓ Dificuldade em avaliar os elementos produtivos da empresa. A imagem da empresa e o trabalho humano têm valor financeiro e não é registada na contabilidade;
- ✓ As normas contabilísticas são muitas vezes ditadas por imperativos fiscais que reduzem o significado económico-financeiro da informação contabilística;
- ✓ Estimativas no valor de algumas rubricas;
- ✓ Os critérios de valorimetria das existências, imobilizados e outros elementos patrimoniais são de aplicação subjectiva.

É de salientar que o documento contabilístico possui uma outra limitação, devido ao seu carácter eminente quantitativo, mesmo sabendo que é fulcral obter a informação qualitativa da empresa. Neste contexto surge a necessidade da empresa fornecer aos utentes, as informações extra contabilísticas.

2.3 Metodos de Analise Economica e Financeira

A transformação da informação básica da empresa só pode ser feita utilizando um conjunto de ferramentas.

2.3.1 Análise Vertical e Horizontal

A análise vertical e horizontal são instrumentos de transformação das informações contidas nas demonstrações financeiras, permitindo assim conhecer a atual situação da empresa e fazer previsão para tendências futuras.

Este indicador tem como finalidade, auxiliar a empresa na melhoria da sua visibilidade e na identificação dos seus pontos positivos e negativos (Padoveze & Benedito, 2004:171).

✓ Análise Vertical

A análise vertical, é conhecido como uma análise de participação percentual ou de estrutura dos elementos das demonstrações financeiras. Para o feito desta análise face ao balanço patrimonial, o valor total do ativo, passivo corresponde a 100%, sendo possível determinar a percentagem de cada rubrica perante o grupo de conta a que pertence, mas para a demonstração de resultados, somente o valor das receitas líquidas de impostos é que corresponde a 100% (Padoveze & Benedito, 2004:171).

$$\text{AVBP} = \frac{\text{Elemento Patrimonial do ativo, passivo e capital próprio}}{\text{Total Ativo / Passivo}}$$

$$\text{AVDR} = \frac{\text{Elemento de despesa, receita ou de resultado}}{\text{Volume de negócio}}$$

A análise vertical tem como objetivo, demonstrar qual é o contributo que cada item oferece para a sua respetiva demonstração financeira. Esses contributos podem ser enviesados, se a empresa não atualizar as suas percentagens, depois de uma alteração nos elementos patrimoniais.

✓ **Análise Horizontal**

A análise horizontal, é conhecido como uma análise que nos permite averiguar qual é a evolução das contas que compõe as demonstrações financeiras, de um período em relação ao anterior.

$$\text{AHBP/DR} = \frac{\text{Valor do período atual} - 1}{\text{Valor do período anterior}} \times 100$$

“Toma-se como 100% todas as contas de um determinado período e faz-se uma relação percentual em cima dos dados desse período” (Padoveze & Benedito, 2004:175).

Para fazer uma análise da evolução das contas, através da análise horizontal, torna-se necessário identificar as contas mais representativas das demonstrações financeiras, o que nos é dado através da análise vertical. Portanto isso demonstra que uma boa análise horizontal é conseguida, começando pela análise vertical.

2.3.2 Equilíbrio Financeiro

Um dos objetivos da análise económica e financeira é o estudo do equilíbrio financeiro quer a curto prazo, como a médio e longo prazo. Sendo assim, o equilíbrio financeiro, consiste no estudo da capacidade da empresa para satisfazer as suas obrigações quando estas atingirem a sua maturidade. É analisada a liquidez da empresa, ou seja, a capacidade de obter dinheiro a fim de satisfazer os compromissos que se vencem a curto, médio e longo prazo.

Numa empresa financeiramente equilibrada, o capital permanente líquido de investimento em ativo fixo é suficiente para financiar o ciclo de exploração da empresa que não foi financiado pelo recurso cíclico.

Quando se pretende saber se uma empresa está equilibrada financeiramente, a primeira resposta é dada pela regra do equilíbrio financeiro mínimo. “Financiar um ativo com um capital ou exigibilidade compatível com a vida económica desse ativo e respetiva capacidade de geração de fluxo de caixa (Neves, 2004:176).

Quadro 1 - Regra do equilíbrio financeiro mínimo

Aplicações de Fundos	Origem de Fundos
Ativo Corrente	Passivo Corrente
Ativo não Corrente	Capital Permanente

Fonte: Elaboração Própria

Isto quer dizer que as origens do fundo devem ter a mesma duração que as aplicações de fundos.

Contudo, podemos constatar que a regra do equilíbrio mínimo é insuficiente, uma vez que existem ativo do ciclo da exploração, cuja sua conversão em disponibilidade é mais lenta que a transformação em exigibilidades das dívidas a curto prazo. Sendo assim, a regra do equilíbrio financeiro mínimo não permite assegurar o equilíbrio financeiro global da empresa, dado que a simples igualdade entre os activos e passivos correntes não garantem, necessariamente, a inexistência de ruptura de tesouraria.

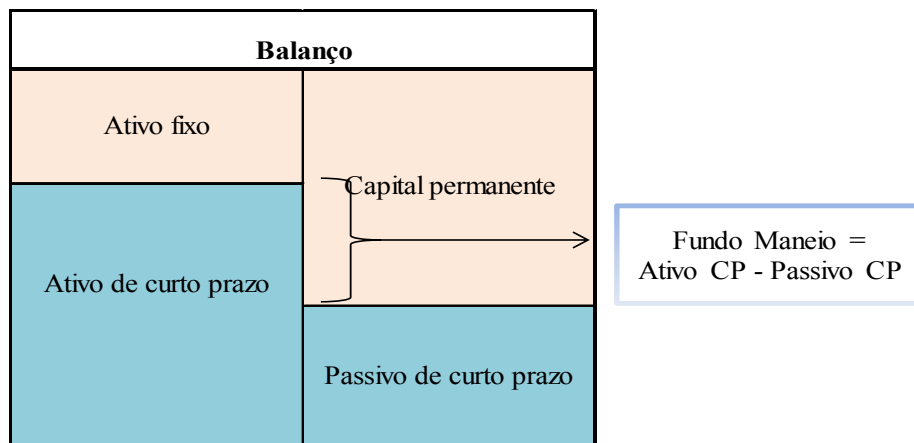
“O equilíbrio financeiro pode ser estudado, segundo uma análise patrimonial, que tem por objetivo detetar a capacidade que a empresa tem de satisfazer as suas obrigações de pagamentos nas datas exigíveis e que se encontram registadas no balanço, e também

segundo uma análise funcional, que se baseia no balanço funcional e no ciclo financeiro da atividade da empresa” (Nabais, C. e Nabais, F. 2009:120).

2.3.2.1 Análise Patrimonial ou Tradicional do Equilíbrio Financeiro

Esta teoria considera que há equilíbrio financeiro, quando a diferença entre o ativo circulante e o passivo circulante é positiva. Essa diferença positiva é denominada de fundo de maneo, que também pode ser calculado como a diferença entre capital permanente e ativo fixo.

Quadro 2 - Balanço Patrimonial



Fonte: Esquema extraído de, Neves 2004:159

Para Neves, (2004:160), a conclusão de que o fundo de maneo tem de ser positivo para a empresa estar equilibrada parte de premissas falsas, visto que a análise é estática, pois parte de princípio que a atividade da empresa pára, o que por sua vez não respeita o princípio contabilístico da continuidade. Tendo em conta esses aspetos, a maior parte dos analistas reconhecem que o nível de fundo de maneo adequado depende de diversas variáveis entre as quais se distinguem a natureza e o volume de atividade.

Assim apresenta-se alguns dos princípios orientados, que asseguram o equilíbrio financeiro:

- ✓ O equilíbrio estará tanto mais assegurado quanto maior for o capital próprio e menor o capital alheio;

- ✓ Os capitais próprios devem ser superiores ao imobilizado e outros activos de carácter permanente;
- ✓ Quanto maior a rentabilidade do capital total em relação ao juro a pagar ao capital alheio, melhores as condições para alcançar o equilíbrio.

Ao meu entender, o primeiro e o segundo princípio, provoca uma grande contrariedade quanto ao objetivo da função financeira, que é a criação dos valores para os acionistas. Para haver criação de valores, é necessário obter a rentabilidade, e isso é obtido em maior percentagem quando o ativo é financiado em maior parte pelo capital alheio.

2.3.2.2 Análise Funcional do Equilíbrio Financeiro

Esta análise baseia-se no balanço funcional e no ciclo financeiro da actividade da empresa, construído com base no balanço contabilístico. Esta abordagem derivou das críticas à abordagem tradicional, e propõe a análise do equilíbrio financeiro ao nível de cada ciclo, tendo como principal indicador a tesouraria líquida aferido a partir do fundo maneio funcional e das necessidades do fundo maneio.

O equilíbrio financeiro terá que ser analisado numa perspectiva dinâmica, ou seja, tendo em conta, não apenas a cobertura dos capitais, mas também a actividade da empresa e o seu funcionamento.

Quadro 3 - Balanço Funcional

Aplicações	Recursos
Ativos fixos	Capitais permanentes
Necessidades cíclicas	Recursos cíclicos
Tesouraria ativa	Tesouraria passiva

Fonte: Esquema extraído de, Nabais 2009:126

Carvalho & Magalhães, (2002:155), defende que no Balanço Funcional deverá reclassificar algumas rubricas, tais como:

- ✓ O passivo de curto prazo automaticamente renovável deverá ser considerado no capital permanente;
- ✓ Os títulos negociáveis dificilmente transaccionáveis, devem ser considerados no ativo fixo;
- ✓ As existências não devem incluir aprovisionamento estratégico, pois esses excedentes devem ser considerados como ativo fixo e não em necessidades de exploração. O mesmo deve acontecer às dívidas e créditos de exploração.

✓ **Fundo de Maneio Funcional**

“O fundo de maneo funcional expressa o diferencial entre os recursos estáveis da empresa e as aplicações”, (Nabais, C. e Nabais, F. 2009:127).

$$\text{FMF} = \text{Capital permanente} - \text{Ativo fixo}$$

Sendo:

- ✓ O capital permanente, determinado pela política de financiamento de médio e longo prazo e também pelo passivo de curto prazo automaticamente renovável;
- ✓ O ativo fixo resultante da política de investimento.

O fundo de maneo funcional é um instrumento essencial utilizado na análise da estrutura financeira que serve para analisar o risco numa perspectiva de curto prazo. Refere a margem de segurança que tem por objectivo reforçar o equilíbrio financeiro e cuja função é atender as necessidades de financiamento do ciclo de exploração.

Quando o fundo de maneo funcional for positivo, quer dizer que existe uma parcela de recursos permanentes, disponível para financiar o ciclo de exploração e quando o fundo de maneo funcional for negativo, significa que os recursos permanentes não conseguem as necessidades de financiamento dos ativos fixos.

✓ **Necessidades de Fundo de Maneio**

A necessidade do fundo de maneio é um meio de avaliação financeira dos esforços da gestão operacional, estando assim ligado à necessidade de financiar o ciclo de exploração. “As NFM comparam as necessidades de exploração com os Recursos de exploração” (Carvalho & Magalhães, 2002:156).

$$\text{NFM} = \text{Necessidades cíclicas} - \text{Recursos cíclicos}$$

O montante das necessidades de fundo de maneio, depende de vários factores, como por exemplo, o sector em que a empresa actua (nos hipermercados é frequentemente negativo, enquanto que na indústria é bastante positivo), as práticas de gestão de negócio, da tecnologia empregue (que se traduz numa maior ou menor eficiência da produção), do tempo e custo, e do volume de negócios e da gestão global ao nível do ciclo de exploração.

Quando a necessidade de fundo de maneio for positivo, tudo indica que a empresa necessita de recursos cíclicos para fazer face às necessidades cíclicas ou também utilizar o fundo de maneio para cobrir a necessidade, mas quando for negativo, isso quer dizer que há excedentes financeiros do ciclo de exploração.

✓ **Tesouraria Líquida**

A tesouraria líquida evidencia a diferença entre o fundo de maneio funcional e a necessidade de fundo de maneio, ou seja, traduz-se na relação entre a parte do capital permanente que fica disponível para financiar outros ativos de investimentos permanentes e a respetiva necessidade desse investimento.

$$\text{Tesouraria líquida} = \text{FMF} - \text{NFM}$$

Também a tesouraria líquida pode ser calculada, subtraindo da tesouraria ativa, a tesouraria passiva.

$$\text{Tesouraria líquida} = \text{Tesouraria ativa} - \text{Tesouraria passiva}$$

Podemos dizer, que a tesouraria ativa é constituída na maior parte dos casos pelas disponibilidades, que resulta de decisão sobre rubricas do activo, independentemente do ciclo de exploração e que a tesouraria passiva engloba as rubricas das dívidas à instituição de crédito de curto prazo e outros empréstimos obtidos de curto prazo, que resultam da decisão de financiamento de curto prazo, independentemente de ciclo de exploração.

De acordo com Neves, (2004:169), a noção da tesouraria líquida “fornece uma informação sobre a situação de liquidez «muito mais significativo do que indicadores tradicionais do disponível». Além disso, mostra que o equilíbrio financeiro é resultado da politica estratégica (FMF) e a politica de gestão operacional (NFM).”

Para que haja equilíbrio, a tesouraria líquida deve apresentar um valor igual ou superior a zero. Quando o valor da tesouraria for elevado, isso pode evidenciar situação de equilíbrio, mas convém que a empresa realize as suas aplicações a longo prazo, o que lhe possibilita obter maior rentabilidade. Quando o valor for negativo, evidencia a incapacidade de responder aos compromissos financeiros, de curto prazo.

2.3.3 Métodos dos Rácios

Existem inúmeras técnicas da análise económica e financeira que permitem analisar as demonstrações de um só período, em comparação com as demonstrações financeiras de períodos anteriores. Uma das técnicas mais usadas e importantes na análise das demonstrações financeiras são rácios, conhecidos como instrumento que ajuda os financeiros a sintetizar os dados, analisar o desempenho económico e financeiro e a evolução da empresa num determinado horizonte temporal.

A eleição dos rácios para a análise e interpretação das demonstrações, depende da empresa em estudo.

Os rácios representam uma relação significativa entre o balanço e a demonstração dos resultados, e pode ser expresso na forma de quocientes ou de percentagens. É de realçar que interpretar um rácio não é apenas ler o resultado do quociente, mas também saber conjugá-lo com outros, avaliando e sintetizando as interações que surgem entre as várias relações construídas (Fernandes C. et al. 2012: 65).

“Os rácios são ferramentas de diagnóstico e não de medicamentos curativo.” (Saias, Amaral e Carvalho, 1998:532).

Isso demonstra que por si só, os rácios não resolvem os problemas das empresas, mesmo fornecendo resultados que relatam qual é a real situação da empresa. Portanto cabe à empresa encontrar soluções que se adequam a resultados menos positivos, obtidos através da utilização dos rácios.

O objetivo dos rácios é conseguir uma informação distinta e complementar da informação contida nos valores absolutos e com evidente utilidade para a análise económica e financeira da empresa. Os rácios podem relacionar entre si dados quantificados do balanço, da demonstração dos resultados ou dados da demonstração dos resultados e do balanço (Silva2011:169).

2.3.3.1 Classificação dos Rácios

É difícil classificar os rácios de uma forma linear, tendo em conta que as suas categorias não são muito delimitadas, no entanto o critério usado para a sua classificação depende da natureza dos fenómenos que os rácios pretendem tratar.

Desta forma, Neves (2004:114) classifica os rácios da seguinte forma:

- ✓ **Rácios financeiros**, que estão ligados apenas aos aspectos financeiros, com o equilíbrio das diversas massas patrimoniais que se encontram no balanço;
- ✓ **Rácios económicos**, que pretendem revelarem aspectos da estrutura dos gastos, dos rendimentos e das margens, que se encontram na demonstração de resultados;

- ✓ **Rácios económico-financeiros**, que resultam da conjugação de relações económico-financeiros, que se encontram no balanço e na demonstração dos resultados;
- ✓ **Rácios de funcionamento**, que ajuda a explicar a eficiência com que a empresa gere os ativos que possui, quer sejam correntes ou não correntes;
- ✓ **Rácios técnicos**, que preocupam em retratar sobre aspectos ligados à produção e actividade em geral, expressando -se normalmente em unidades fiscais, ou comparando unidades económico-financeiros com unidades físicas.

Cada uma dessas classificações produz uma multiplicidade de rácios, assim, não sendo possível apresentar todos os tipos de rácios. No entanto, vou privilegiar aqueles que ao meu entender, são considerados os mais importantes para efeitos de análise económica e financeira. É necessário recordar que a denominação dos rácios depende de autor para autor, pelo que, interessa conhecer o conteúdo do rácio e não a sua denominação.

I. Rácios de Liquidez

Estes rácios permitem medir a capacidade da empresa em solver os compromissos de curto prazo. Normalmente são esses indicadores que os bancos utilizam para conhecer a capacidade da empresa em reembolsar o valor da dívida, e só assim decidir se é viável ou não, conceder empréstimos.

✓ **Rácio Liquidez Geral**

Este rácio relaciona através de um quociente, os ativos e os passivos de curto prazo, ou seja, indica a aptidão da empresa face às suas dívidas de curto prazo. No entanto, este rácio trata indistintamente todos os itens do ativo corrente, quando na realidade cada item possui a liquidez distinta da liquidez de outros itens.

$$\text{Liquidez Geral} = \frac{\text{Ativo corrente}}{\text{Passivo corrente}}$$

Nos casos em que existem um elevado nível de stock de matérias-primas e produtos acabados, pode não significar a facilidade em honrar os compromissos perante os terceiros.

✓ **Rácio Liquidez Reduzida**

A elaboração deste rácio, ameniza a limitação do rácio liquidez geral, excluindo os inventários, ou seja, o ativo de menor conversão dentro dos ativos correntes. Em certas actividades, os inventários apresentam normalmente, um peso elevado no total do ativo corrente e por vezes a sua rotação é bastante lenta. Daí torna-se muito importante conhecer a sua influência na liquidez da empresa.

É realçar que existem casos em que a conversão dos inventários tende a ser efetuada com grandes descontos, amenizando a sua contribuição para a liquidez da empresa.

$$\text{Liquidez Reduzida} = \frac{\text{Ativo corrente} - \text{Inventários}}{\text{Passivo corrente}}$$

Em suma pode se dizer que quanto maior for a diferença entre rácio liquidez geral e rácio liquidez reduzida, maior será a dependência da sua liquidez em relação a conversão do seu inventário

✓ **Rácio Liquidez Imediata**

O rácio liquidez imediata representa mais um passo na direcção de uma medida mais satisfatória da liquidez de uma empresa, ou seja, procura conhecer capacidade da empresa em honrar os seus compromissos de curto prazo, utilizando somente as disponibilidades.

$$\text{Liquidez Imediata} = \frac{\text{Disponibilidades}}{\text{Passivo corrente}}$$

Os rácios de Liquidez são indicadores bastante estáticos na medida em que utilizam os saldos finais das contas, não tendo em consideração, por exemplo, o facto de no passivo de curto prazo estarem incluídas tanto as dívidas que se vencem no passado nove meses.

II. Rácios de Estrutura

Os rácios de estruturas fornece as informações respeitantes a capital de terceiros utilizado pela empresa e as implicações que esses capitais têm na exploração. Somente os rácios de estruturas possuem a capacidade de informar a empresa quais são os recursos mais utilizados no financiamento dos ativos e também qual é a parcela dos capitais alheios a serem vencidos a curto prazo ou a longo prazo.

✓ Rácios de Endividamento

Este rácio dá a empresa a conhecer qual é a pertinência dos capitais alheios no financiamento da atividade da empresa. É de salientar que podemos mensurar o endividamento da empresa através do chamado “*Debt to equity ratio*”, proveniente do quociente entre os capitais alheios e os capitais próprios. O “*Debt to Equity Ratio*”, permite nos saber qual é a percentagem do ativo a ser financiado por capitais próprios.

$$\text{Rácio Endividamento} = \frac{\text{Capital alheio}}{\text{Ativo}}$$

✓ Autonomia Financeira

Este rácio calcula qual é a percentagem do ativo, financiado pelo capital próprio e preocupa-se em fazer uma avaliação da evolução do risco financeiro e global da empresa. Pressupõe-se que a obtenção de um baixo valor deste rácio, conduz a um grande dependência da empresa em relação a terceiros.

$$\text{Autonomia Financeira} = \frac{\text{Capital próprio}}{\text{Ativo}} \times 100$$

Quanto maior for a percentagem dos capitais próprios na estrutura de financiamento da empresa, mais baixo será o nível de risco relacionado com a mesma e automaticamente, maior será a capacidade de um potencial endividamento.

✓ Solvabilidade

O rácio solvabilidade estuda a capacidade da empresa em solver os compromissos de longo prazo, com os terceiros. Quanto maior for a solvabilidade da empresa, maior é a capacidade da mesma no cumprimento das suas obrigações.

$$\text{Solvabilidade} = \frac{\text{Capital Próprio}}{\text{Passivo}} \times 100$$

III Rácios de Rendibilidade

O rácio de rendibilidade estuda a capacidade da empresa, em gerar a sua margem líquida, remunerar os capitais investidos pelos acionistas e também a capacidade dos ativos em gerar os rendimentos para a empresa. Tais rácios são medidas variadas do lucro da empresa, tendo em conta vários itens.

Neves (2004:118), chama-se rácio de rendibilidade ao “indicador expresso em percentagem, da relação entre o resultado e ao volume de negócio ou uma grandeza de capital.

✓ Rendibilidade Operacional das Vendas

Este rácio mede o resultado obtida pela empresa na obtenção de preço de venda dos produtos superiores aos custos necessários para colocar os mesmos no mercado.

$$\text{Rendibilidade Operacional das Vendas} = \frac{\text{Resultado operacional}}{\text{Vendas}} \times 100$$

Portanto uma melhoria deste rácio pode revelar uma oscilação nos preços dos produtos, mas também pode querer dizer uma diminuição dos custos inerentes aos produtos.

✓ **Rendibilidade Líquida das Vendas**

O rácio rendibilidade líquida das vendas, relaciona o resultado líquido com o volume das vendas gerado pelas operações ou transações realizada pela empresa.

$$\text{Rendibilidade Líquida das Vendas} = \frac{\text{Resultado líquido}}{\text{Vendas}} \times 100$$

O valor deste rácio depende da estrutura de custos e da margem de comercialização adotada pela empresa.

✓ **Rendibilidade do Capital Próprio**

Trata-se de um rácio de galvanização aos acionistas e investidores da empresa, uma vez que mensura o rendimento dos investimentos feitos pelos acionistas e investidores. Esta medida de rendibilidade é afetada pela política de financiamento de cada empresa.

$$\text{Rendibilidade do capital Próprio} = \frac{\text{Resultado líquido}}{\text{Capital próprio}} \times 100$$

O seu quociente é justificado pelo lucro pertencentes aos acionistas e o volume médio dos investimentos feitos na empresa. A incorporação de reservas e o aumento de capital tem provocado grandes alterações no capital próprio.

✓ **Rendibilidade Operacional do Ativo**

Analisa a rendibilidade gerado pela empresa a partir do seu ativo líquido, ou seja, mede a eficiência e eficácia da gestão utilizada nos ativos.

$$\text{Rendibilidade Operacional do Ativo} = \frac{\text{Resultado operacional}}{\text{Ativo médio}} \times 100$$

É de realçar que o rácio rendibilidade operacional do ativo depende do rácio rendibilidade bruta das vendas, do efeito fiscal dos custos fixos e da rotação do ativo.

IV Rácios de Funcionamento

Os rácios de Funcionamento medem a eficiência das decisões da gestão da empresa sobre os recursos do que dispõe. Apuram-se em termos de rotação (e rotação do activo total) ou em dias de funcionamento (Neves, 2004:119).

✓ Rotação do Ativo

O rácio rotação do ativo procura calcular o número de vezes em que os ativos são utilizados, para gerar um determinado volume de operações.

$$\text{Rotação do Ativo} = \frac{\text{Venda}}{\text{Ativo médio}}$$

Quanto maior for este rácio, menor será o investimento em ativo para alcançar o volume das vendas, tendo em conta que a empresa consegue trabalhar perto do capacidade de produção. Portanto isso demonstra que os recursos estão a ser geridos de forma eficiente.

✓ Rotação do Inventário

Neves (2004:120), afirma que a rotação do inventário evidencia os efeitos da gestão ao nível dos armazéns e que um elevado valor deste rácio pode ser encarado como indicador de eficiência, mas também pode significar ruturas frequentes de stocks.

$$\text{Rotação do Inventário} = \frac{\text{Vendas}}{\text{Inventário médio}}$$

Tendo em conta a pertinência do inventário numa empresa, esta sente a necessidade de saber qual é a sua capacidade em renovar o seu stock de produtos. O rácio rotação do inventario, calcula o número de vezes que os inventários são renovados num determinado periodo.

✓ Prazo Médio de Recebimento

Este rácio calcula o número efetivo de dias que os clientes tem para cumprir com as suas obrigações, ou seja, mede o tempo que separa a venda do seu recebimento.

$$\text{Prazo médio de Recebimento} = \frac{\text{Clientes médio}}{\text{Venda} + \text{Prestação de serviço} * (1 + \text{IVA})} \times 365$$

Quando o rácio prazo médio de recebimento for alto, de certa forma coloca em causa a capacidade do departamento de cobrança e o poder negocial da empresa perante os seus clientes (Neves, 2004:121).

Numa outra versão, um elevado valor deste rácio pode significar uma forma de compensar o elevado preço dos produtos comercializados pela empresa, de aumentar o volume das vendas da empresa e uma necessidade de acompanhar a concorrência de outras empresas.

✓ Prazo Médio de Pagamento

Ao contrário do rácio prazo médio de recebimento, este rácio calcula o número efetivo de dias que a empresa tem para liquidar as suas obrigações.

$$\text{Prazo médio de Pagamento} = \frac{\text{Fornecedor médio}}{\text{Compra} + \text{FSE} * (1 + \text{IVA})} \times 365$$

Quanto menor for o valor deste rácio, menor será o grau de financiamento que os fornecedores fazem à exploração, mas também pode revelar a falta do poder negocial da empresa perante os seus fornecedores. É de salientar que um elevado valor deste rácio pode revelar dificuldades no cumprimento das obrigações por parte da empresa.

Deve haver uma ligação entre o rácio prazo médio de pagamento e o rácio prazo médio de recebimento de modo a evitar que a empresa tenha grande pressão na sua tesouraria.

2.3.3.2 Análise Estática e Dinâmica no Estudo da Rentabilidade

A análise estática permite realçar a saúde de uma empresa num determinado momento. Portanto esta análise apesar de possuir uma certa utilidade, não permite fazer um juízo completo acerca da evolução da situação económica. O estudo da rentabilidade só adquire seu verdadeiro sentido, quando for feita uma análise dinâmica analisando não só os factores que num dado momento condicionaram esta rentabilidade, mas também sua evolução ao longo dos anos.

Feita uma análise dinâmica, poderemos ver a tendência da evolução da rentabilidade e prever sua evolução futura facilitando, assim, a adopção de medidas necessárias para evitar uma eventual evolução desfavorável.

2.3.3.3 Vantagens dos Rácios

Os rácios são as técnicas de análises mais expressivo, mais fácil de utilizar e mais rico em conclusões, isto porque:

- ✓ Possibilita comparações que não são possíveis de fazer através de números absolutos;
- ✓ Possibilita comparações entre diferentes empresas com idênticas características e dimensão, num determinado horizonte temporal;
- ✓ Permite avaliar a evolução do mesmo rácio ao longo do tempo, através da comparação de valores;
- ✓ Permite obter informações sintetizadas sobre determinados aspectos da gestão de uma empresa;

2.3.3.4 Limitação dos Rácios

Mesmo sabendo que os rácios são utilizados pelas empresas com muita frequência, a cautela continua a ser uma expressão fulcral, na medida em que algumas conclusões podem ter poucos significados ou até mesmo incorretos.

Os rácios possuem algumas limitações tais como:

- ✓ São um simples instrumento, quantificam factos, apontam indícios e detectem anomalias mas por si só não explicam as causas;
- ✓ Não existe uma definição normalizada para os rácios;
- ✓ Os rácios analisam informação passada, se o analista estiver interessado em fazer previsões, deve ter em conta que os dados históricos não reflectem necessariamente a situação corrente ou as futuras expectativas;
- ✓ Quando calculados e interpretados de forma isolada, possuem um poder informativo muito limitado;
- ✓ A não existência de uniformidade na respectiva construção, variando conforme o analista, o facto de serem permeáveis à sazonalidade da actividade;
- ✓ O facto de não valerem por si só, pois necessitam de um padrão de comparação;
- ✓ Os rácios ajudam os gestores a conhecer a realidade económica e financeira, mas não fornecem respostas, ou seja, não são vistos como instrumentos de decisão;
- ✓ Os dados da base, regra geral, referem-se ao final do ano, isto é, a data de fecho das contas. Este facto pode introduzir algumas distorções na análise, já que os valores das rubricas podem não reflectir situação média ao longo do ano.

Em suma pode-se dizer que os analistas não devem utilizar os rácios mecanicamente, pois pode tirar conclusões falsas acerca da empresa.

2.3.4 Indicadores de Risco

O risco é um dos indicadores da análise económica e financeira e encontra-se intimamente ligado à rendibilidade da empresa, ou seja, a empresa não consegue obter rendibilidade sem ser exposto ao risco, tendo em conta que o risco não pode ser eliminado, mas sim gerido.

Falamos de risco quando estamos perante uma situação em que é possível estimar, de forma objectiva, as probabilidades de um acontecimento. Existe incerteza quando não é possível fazer estimativas recorrendo-se, então, às probabilidades. Esta incerteza é

condicionada por uma série de factores que, podem ou não, ser controlados pela empresa. Quanto maior for a incerteza, maior será o risco do investimento.

Pinhos & Tavares (2005:74) afirma que “o risco está associado a incerteza, ou seja, a variabilidade nos resultados está sempre associada à estrutura dos resultados”.

O risco é mensurado de acordo com os seguintes indicadores:

✓ **Grau de Alavanca Operacional**

Este indicador mede qual é o peso dos custos fixos na estrutura dos custos operacionais e o impacto no resultado operacional, provocado por uma variação nas vendas. Quanto maior for este indicador, maior será o risco, devido a uma grande absorção da margem bruta pelos custos fixos.

$$\text{GAO} = \frac{\text{Margem de contribuição}}{\text{Resultado operacional}}$$

Se a tendência das vendas for para crescer, a alavanca operacional é favorável, na medida em que um crescimento das vendas implica um crescimento mais do que proporcional nos resultados operacionais mas, caso houver um decréscimo das vendas, a alavanca operacional será desfavorável, uma vez que o resultado operacional decresce mais do que proporcional (Neves, 2004:188).

✓ **Grau de Alavanca Financeira**

O grau de alavanca financeira avalia o impacto nos resultados correntes provocado por oscilações nos resultados operacionais e mede a capacidade da empresa, no que diz respeito ao cumprimento com os encargos financeiros. Quanto maior for este indicador, maior será o risco financeiro, devido a uma grande absorção do resultado operacional pelos custos financeiros.

$$\text{GAF} = \frac{\text{Resultado operacional}}{\text{Resultado corrente}}$$

Uma empresa pode ter uma estrutura financeira aparentemente equilibrada, mas com uma rentabilidade tal que não permite cobrir os encargos financeiros resultantes da dívida (Neves, 2004:191).

✓ **Ponto Crítico das Vendas**

Este indicador revela qual é o nível de atividade desenvolvida pela empresa, de modo a cobrir os custos operacionais, ou seja, mostra qual é o volume de vendas que permite a empresa obter o resultado operacional nulo. O ponto crítico das vendas pode ser calculado em valor e em quantidade.

$$\text{Ponto Crítico das Vendas} = \frac{\text{Gastos fixos}}{1 - \frac{\text{Custo variáveis}}{\text{Vendas}}} \times 100$$

✓ **Margem de Segurança**

Este indicador permite a empresa saber qual é a margem que separa o seu volume do negócio do seu ponto crítico das vendas, ou seja, qual é redução percentual das vendas que empura a empresa para o seu ponto crítico. A margem de segurança é calculada em percentagem.

$$\text{Margem de Segurança} = \frac{1 - \text{Vendas}}{\text{Ponto crítico}} \times 100$$

Quanto maior for a sua percentagem, menor será o risco, visto que a empresa consegue se distanciar do seu ponto crítico e consequentemente do prejuízo.

CAPÍTULO III – ESTUDO DE CASO: TECNICIL INDÚSTRIA

Após a fundamentação teórica da análise económica e financeira tendo por base autores especializados sobre o tema, apresenta-se este capítulo eminentemente prático, onde se pretende conhecer a situação económica e financeira da Tecnicil indústria, através da interpretação das demonstrações financeiras e dos rácios e também através das evoluções entre os anos 2010 a 2012.

Num primeiro momento, pretende-se que o leitor tenha o conhecimento sobre a caracterização da Tecnicil Indústria.

Ainda pretende-se que o leitor, ao longo deste capítulo, assimila a informação necessária de forma sucinta e objectiva ficando elucidado acerca da situação económica e financeira da Tecnicil Indústria.

3.1 Apresentação e Caracterização da Tecnicil Indústria

A Tecnicil Indústria, SA é uma empresa nacional cabo-verdiana com capital maioritariamente cabo-verdiano.

A Tecnicil indústria nasceu em 1999, como MD-Águas de Cabo Verde. Então pertença de dois sócios Marciano Duarte e Alfredo Carvalho. Posteriormente, veio a adoptar a designação de Águas de Cabo Verde, SA e mais tarde ainda, com a aquisição das acções por parte da Tecnicil integrou o Grupo Tecnicil com a designação de Tecnicil Indústria, Sociedade Unipessoal.

Ultimamente, a empresa deixou de integrar o grupo Tecnicil, tendo mantido a designação de Tecnicil Indústria, SA. A Tecnicil Indústria possui um capital social de 85,8 milhões de escudos e pertence actualmente a cinco accionistas cabo-verdianos, com 95% do capital, e um espanhol, com 5% do capital. Os órgãos sociais da Tecnicil Indústria são a Assembleia Geral, o Conselho de Administração, (composto por 3

membros efectivos e 1 suplente, sendo os efectivos os Srs. Olavo Correia, que preside, e os vogais, Alfredo Carvalho e Júlio Almeida), e o Fiscal Único. A gestão é assegurada por um Administrador Delegado, Sr. Júlio Almeida. O Fiscal Único da empresa é a sociedade revisora de contas a Price Waterhouse Coopers

3.1.1 Localização dos Estabelecimentos e Produtos Vendidos

A empresa neste momento dispõe de uma única fábrica situada na zona da Trindade. A fábrica dispõe de uma capacidade de produção superior a 80 milhões de litros de água no formato 1,5L e a superior a 25 milhões de litros de refrigerantes no formato 1,5L.

Dispõe de uma sede na cidade da Praia e de Delegações na região de Santiago Norte e na ilha do Sal. Actualmente dispõe de representações em S. Vicente e na Boavista.

A TI é a maior empresa nacional no ramo das águas engarrafadas e a segunda no ramo de refrigerantes. Terminou o ano de 2012 com uma quota de mercado nas águas estimada em cerca de 55% e nos refrigerantes de 16%.

O produto água é apresentado em cinco formatos, 33cl, 50cl, 1.5L, 5L e Garrações para escritórios, outros serviços e residenciais, abarcando assim todo o leque de necessidades do mercado. O produto refrigerante é apresentado em 3 formatos e duas marcas. A marca KUL é apresentada nos formatos 33cl e 1,5L e a marca TRIN é apresentado no formato 2L. Neste momento tem no mercado 7 sabores na marca KUL (Cola, Laranja, Limão, Guaraná, Morango, Tónica e Ananás) e três sabores na marca TRIN (Cola, Laranja e Morango).

3.1.2 Desenvolvimento da Tecnici Indústri

A empresa iniciou a operação industrial com equipamento de “segunda-mão” adquiridos em Espanha e instalados na fábrica inicialmente construída em Achada Grande de Trás para onde a água era transportada, tratada e engarrafada.

O crescimento contínuo e sustentado da empresa, as necessidades de garantir a qualidade e as quantidades que o mercado exigia, aliados ao sucesso que a marca Trindade vinha tendo, ditou que em 2007 a empresa investisse em uma nova unidade fabril, construída de raiz e com equipamentos completamente novos. A nova unidade fabril foi construída na Zona de Trindade, local de origem da água e que dá nome à marca utilizada. A unidade então construída era única no mercado nacional e destacava-se claramente da concorrência.

As capacidades instaladas, muito superiores às necessidades da época em água, propiciaram a instalação de uma linha com capacidade mista, para encher água e produtos carbonatados. É assim, que a Tecnicil Indústria se lança no mercado das bebidas carbonatadas e que logo após o lançamento se transformaram num sucesso nacional.

Dois anos depois, em 2009, e tendo em conta o crescimento das vendas nas modalidades de 33cl, a empresa fez um novo investimento, em mais uma nova linha, com o objectivo de separar a linha de água da de refrigerantes. A independência das duas linhas era necessária, tendo em conta que com uma única já havia dificuldades em responder correctamente às necessidades do mercado e ainda para eliminar eventuais riscos de contaminação cruzada dos produtos.

A opção industrial na altura foi manter a linha existente para refrigerantes e investir em uma nova linha para água. A Tecnicil Indústria lançou assim uma operação bolsista para o investimento e com muito sucesso tendo procedido a novo investimento no ano de 2009.

3.1.3 Visão, Missão e Objeto da Tecnicil Indústria

A visão da empresa é tornar-se numa empresa de referência nacional e internacional no ramo das bebidas e dos alimentos.

A sua missão é levar aos clientes produtos de qualidade, de acordo com as suas expectativas e demandas enquanto proporciona aos seus trabalhadores e outros parceiros

oportunidades de crescimento e aos accionistas um retorno financeiro adequado aos seus investimentos inovando sempre, procurando antecipar as tendências do mercado, de forma a poder responder à crescente sofisticação dos consumidores.

O objecto da empresa é a produção comercialização e exportação de águas e refrigerantes, outras bebidas e alimentos. Na sua estratégia de desenvolvimento a empresa pretende diversificar oferecendo aos consumidores outras bebidas, nomeadamente, bebidas alcoólicas e outros alimentos que não somente a água e refrigerantes.

3.1.4 Organização da Tecnicil Indústria

A empresa, como acima referido, encontra-se organizada da seguinte forma:

Assembleia Geral, constituída pelos accionistas da empresa e que são: Alfredo Carvalho com 75% das acções e ainda com 5% cada, os accionistas Olavo Correia, Jorge Duarte, Simão Monteiro, INGEFEI e Júlio Almeida.

Conselho de Administração composto por Olavo Correia, Presidente e ainda integrado por Alfredo Carvalho e Júlio Almeida como vogais.

Administrador Delegado, Júlio Almeida, que por delegação do Conselho se ocupa da gestão da empresa.

Fiscal Único, a Price Waterhouse Coopers.

Gestão da empresa:

Director de Vendas – Alfredo Carvalho, com as seguintes divisões:

- ✓ Delegações nas ilhas do Sal, Boavista e Santiago Norte, com estruturas próprias de distribuição e Gestores de Vendas;
- ✓ Representação em S. Vicente, sem delegação, para contactos com clientes na região de S. Vicente, Santo Antão e S. Nicolau;

- ✓ Na Sede tem ainda 4 Gestores de Vendas, sendo dois para pré-venda, um para garrações e um para a auto-venda;
- ✓ Serviço de Distribuição. O responsável do serviço de distribuição acumula também o serviço de armazém.

Director de Produção e de Manutenção – Júlio Almeida com as seguintes áreas:

- ✓ Serviço de Produção com um Gestor que se encarrega do serviço de produção e integrado ainda pelos trabalhadores das linhas de produção;
- ✓ Serviço de Manutenção com um Gestor que se encarrega dos serviços de manutenção, tendo ainda mais dois trabalhadores à sua disposição;
- ✓ Serviço de Armazéns com um Gestor e pessoal para a gestão dos armazéns. A gestora do serviço de armazéns acumula também o serviço de distribuição.

Director de Qualidade – Quirino Mariano, que assegura toda a qualidade da empresa e tem mais dois técnicos sob o seu comando.

Director Administrativo e Financeiro – Vitalzinho Landim, que se ocupa dos serviços administrativos e financeiros e pessoal, tendo sob o seu comando:

- ✓ Serviço financeiro e contabilístico;
- ✓ Serviço de recursos humanos;
- ✓ Serviço de informação e comunicação.

Director de Comunicação e Marketing – Gilda Spencer. Este serviço recentemente criado aparece na sequência da divisão do anterior departamento Comercial e Marketing e que deu origem ao Departamento de Vendas e de Comunicação e Marketing. Em processo de implantação, prevê funcionar essencialmente com a implementação de serviço contratado a terceiros.

3.1.5 Outros Mercados

A TI já possui certificação dos seus produtos para exportação para os países da CEDEA e pretende brevemente avançar para Guiné-bissau com exportação para esse país.

3.2 Análise Económica e Financeira da Tecnicil Indústria

Uma análise económica e financeira consiste num conjunto de técnicas que visa diagnosticar a situação empresa através da análise e interpretação das demonstrações financeiras. O seu principal objetivo é de proporcionar as informações úteis que servirão de base à tomada de decisões.

O principal objectivo deste trabalho consiste em fazer uma análise económica e financeirada Tecnicil Indústria nos três anos em estudo. Para atender ao referido objectivo, realizámos uma aplicação prática nos relatórios da Tecnicil Indústria.

Apresentamos a seguir a situação económica e financeira da Tecnicil Indústria com referência aos exercícios económicos de 2010 a 2012, podendo todas as demonstrações financeiras e indicadores de gestão serem consultados nos anexos e nos apêndices.

3.2.1 Ajustamento das Demonstrações Financeiras

Para a obtenção de uma análise mais sólida, torna-se necessário fazer o ajustamento das demonstrações financeiras que servem de base para o diagnóstico da situação económica e financeira da empresa.

Das demonstrações financeiras da Tecnicil Indústria, necessita-se de ajustar somente o balanço da empresa, onde podemos encontrar as informações dos ativos não correntes e dos inventários de uma forma detalhada. Convém dizer que as outras demonstrações financeiras da empresa encontram-se ajustadas.

3.2.2 Análise das Demonstrações Financeiras

Quadro 4 - Balanço patrimonial

Moeda: mCVE							
RUBRICAS				Variação			
	31-12-2012	31-12-2011	31-12-2010	2012/2011		2011/2010	
	Valores	Valores	Valores	Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa
ATIVO							
Activo não corrente							
Ativos fixos tangíveis	540.198	642.431	692.536	-102.233	-15,9%	-50.105	-7,2%
Ativos Intangíveis	13.256	11.560	7.970	1.696	14,7%	3.590	45,0%
Total do ativo não corrente	553.454	653.991	700.506	-100.537	-15,4%	-46.515	-6,6%
Activo corrente							
Inventário	122.698	140.880	109.221	-18.182	-12,9%	31.659	29,0%
Clientes	110.194	63.250	63.005	46.944	74,2%	245	0,4%
Adiantamentos a fornecedores	4.995	5.195	4.579	-200	-3,8%	616	13,5%
Acionista	0	0	1.500			-1.500	-100,0%
Diferimentos	10.704	1.480	1.224	9.224	623,2%	256	20,9%
Outras contas a receber	29.435	27.571	27.340	1.864	6,8%	231	0,8%
Caixa e depósitos bancários	8.368	17.773	15.235	-9.405	-52,9%	2.538	16,7%
Total do ativo corrente	286.394	256.149	222.104	30.245	11,8%	34.045	15,3%
Total do ativo	839.848	910.140	922.610	-70.292	-7,7%	-12.470	-1,4%
CAPITAL PRÓPRIO E PASSIVO							
Capital próprio							
Capital realizado	85.800	85.800	85.800	0	0,0%	0	0,0%
Reservas legais	13.955	13.203	9.263	752	5,7%	3.940	42,5%
Outas reservas	144.153	140.396	112.812	3.757	2,7%	27.584	24,5%
Resultado líquido do período	9.540	15.029	78.810	-5.489	-36,5%	-63.781	-80,9%
Total do capital próprio (antes de interesses minoritários)	253.448	254.428	286.685	-980	-0,4%	-32.257	-11,3%
Interesses minoritários							
Total do capital próprio	253.448	254.428	286.685	-980	-0,4%	-32.257	-11,3%
PASSIVO							
Passivo não corrente							
Provisões	15.960	15.960	15.960	0	0,0%	0	0,0%
Financiamentos obtidos	311.986	373.240	404.197	-61.254	-16,4%	-30.957	-7,7%
Total do passivo não corrente	327.946	389.200	420.157	-61.254	-15,7%	-30.957	-7,4%
Passivo corrente							
Fornecedores	73.380	81.930	57.128	-8.550	-10,4%	24.802	43,4%
Adiantamentos de clientes	168	8	6	160	2000,0%	2	33,3%
Estado e outros entes públicos	19.074	15.020	17.097	4.054	27,0%	-2.077	-12,1%
Accionistas/socios	19.669	20.038	2	-369	-1,8%	20.036	1001800,0%
Financiamentos obtidos	100.637	73.442	92.950	27.195	37,0%	-19.508	-21,0%
Outras contas a pagar	45.526	76.074	48.585	-30.548	-40,2%	27.489	56,6%
Total do passivo corrente	258.454	266.512	215.768	-8.058	-3,0%	50.744	23,5%
Total do passivo	586.400	655.712	635.925	-69.312	-10,6%	19.787	3,1%
Total do Capital Próprio e do Passivo	839.848	910.140	922.610	-70.292	-7,7%	-12.470	-1,4%

Fonte: Apêndice 1

Conforme o Balanço, podemos constatar que em 2010, os ativos totais da Tecniciil Indústria cifraram em 922.610 milhões de escudos, valores que decresceram 1,4% em 2011 e 7,7% em 2012, face aos valores dos ativos nos períodos homólogos. Portanto em 2011 os ativos não correntes representavam cerca de 71,9% dos ativos totais (inferior ao valor do ano 2010), devido a um decréscimo dos ativos fixos tangíveis em 7,2%, ou seja, os ativos fixos tangíveis representavam 75,1% dos ativos totais em 2010 e passaram a representar 70,6% em 2011. No mesmo ano os ativos correntes cresceram cerca de 15,3% face ao período homólogo e passaram a representar 28,1% dos ativos totais, superando o registo do ano 2010 (24,1%).

A diminuição dos ativos no ano 2012, é causado essencialmente pela diminuição dos ativos fixos tangíveis em 15,4%. Podemos constatar que a empresa realizou poucos investimentos no ano em análise, mas também as depreciações e as amortizações acumuladas tiveram um grande contributo na diminuição desses ativos.

Em 2011 a caixa e os seus equivalentes, cresceram em 16,7% face ao ano anterior, mas em 2012 o mesmo teve um decréscimo drástico de 52,2 em termos percentuais. Os valores das contas clientes cresceram 0,4% do ano 2010 para 2011 e em mais de 74% do ano 2011 para o ano 2012, isso por sua vez pode colocar em causa a capacidade da empresa no processo da cobrança. O inventário cresceu 29% do ano 2010 para 2011 e decresceu cerca de 12,9% em 2012, face ao ano anterior, motivado pela diminuição do stock de matérias-primas e mercadorias.

O capital próprio da empresa apresentou em 2010 um valor de absoluto de 286.685 milhões escudos. De 2010 para 2011 e de 2011 para 2012, a mesma rubrica decresceu em 11,3% e 0,4% respetivamente. Esta diminuição é explicada pela queda drástica do resultado líquido em 80,9% em 2011 face a 2010 e em 36,5% em 2012 face ao período homólogo. Com o decréscimo dos resultados líquidos da Tecniciil indústria, estes em 2011 representaram cerca de 5,9% dos capitais próprios, valor inferior a representação do ano 2010 (27,5%) e em 2012 representaram cerca 3,8% dos capitais próprios.

Em relação aos passivos da Tecnicil Indústria, os mesmos foram de 635.925 milhões de escudos em 2010, com os passivos correntes a representar 33,9% e os passivos não correntes a representar 66,1% do valor total. No ano 2011 a empresa viu o seu passivo aumentando cerca de 3,1% face ao período homólogo. Mesmo com a diminuição dos passivos não correntes em 7,4%, os passivos totais sofreram ligeiros aumentos, devido ao crescimento dos passivos correntes em 23,5%. No ano 2011 os passivos totais foram representados maioritariamente pelos financiamentos obtidos de longo prazo, contribuindo assim com 56,9% na formação dos passivos da empresa.

O ano 2012 veio confirmar o ciclo do decréscimo dos passivos da Tecnicil Indústria, com os passivos correntes a reduzir cerca de 3% e os passivos não correntes a reduzir em 15,7%. Com os passivos não correntes a representarem 55,9% dos passivos totais, podemos constatar que os financiamentos de longo prazo continuaram a ser os que mais representaram os passivos totais (53,2%).

Quadro 5 - Balanço funcional

Moeda: mCV

	31-12-2012	31-12-2011	31-12-2010
	Valores	Valores	Valores
Aplicações			
Ativos fixos			
Ativos fixos tangíveis	540.198	642.431	692.536
Ativos Intangíveis	13.256	11.560	7.970
TOTAL	553.454	653.991	700.506
Necessidades Cíclicas			
Inventário	122.698	140.880	109.221
Clientes	110.194	63.250	63.005
Adiantamentos a fornecedores	4.995	5.195	4.579
Acionista	0	0	1.500
TOTAL	237.887	209.325	178.305
Tesouraria Ativa			
Diferimentos	10.704	1.480	1.224
Outras contas a receber	29.435	27.571	27.340
Caixa e depósitos bancários	8.368	17.773	15.235
TOTAL	48.507	46.824	43.799

Recursos			
Capital Permanente			
Capital realizado	85.800	85.800	85.800
Reservas legais	13.955	13.203	9.263
Outas reservas	144.153	140.396	112.812
Resultado líquido do período	9.540	15.029	78.810
Provisões	15.960	15.960	15.960
Financiamentos obtidos	311.986	373.240	404.197
TOTAL	581.394	643.628	706.842
Recursos Cíclicos			
Fornecedores	73.380	81.930	57.128
Adiantamentos de clientes	168	8	6
Estado e outros entes públicos	19.074	15.020	17.097
Accionistas/socios	19.669	20.038	2
TOTAL	112.291	116.996	74.233
Tesouraria Passiva			
Financiamentos obtidos	100.637	73.442	92.950
Outras contas a pagar	45.526	76.074	48.585
TOTAL	146.163	149.516	141.535

Fonte: Apêndice 2

Quadro 6 - Equilíbrio financeiro

	2012	2011	mCVE 2010
Fundo de Maneio	27.940	-10.363	6.336
Necessidade de Fundo de Maneio	125.596	92.329	104.072
Tesouraria Líquida	-97.656	-102.692	-97.736

Fonte: Elaboração Própria

Os capitais permanentes da empresa é o somatório dos capitais próprios e dos exigíveis de médio e longo prazo, sendo assim, os capitais permanentes da Tecnicil indústria em 2010 cifraram nos 706.842 milhões de escudos, devido a um elevado valor das dívidas de longo prazo e das outras reservas, que contribuíram com cerca de 73% para a formação dos capitais.

No ano 2010 a empresa obteve um fundo de maneo positivo, uma vez que os capitais permanentes foram suficientes para cobrir todos os investimentos feitos nos ativos fixos e ainda sobrar excedentes no valor de 6.336 milhões de escudos.

No ano 2011 o fundo de maneo da Tecnicil indústria decresceu drasticamente para 10.363 milhões de escudos negativos, devido a uma diminuição dos capitais permanentes numa proporção maior do que a diminuição dos ativos fixos. Os capitais permanentes da Tecnicil indústria diminuíram cerca de 9% face ao período homólogo, tal diminuição é provocada pela drástica redução do resultado líquido (80,93%). Portanto a empresa com os capitais permanentes de 643.628 milhões de escudos, não conseguiu financiar os 653.991 milhões de escudos investidos nos ativos fixos.

O ano 2012 foi o ano da recuperação do fundo de maneo da empresa, uma vez do ano 2011 para o ano 2012 o fundo de maneo teve um acréscimo de 38.303 milhões de escudos, motivado principalmente pela diminuição dos ativos fixos na ordem dos 15,37% face ao ano anterior. Também podemos constatar que mesmo com diminuição dos capitais permanentes em cerca de 9,67%, a Tecnicil Indústria conseguiu financiar os investimentos em ativos fixos e ainda assim, obter um excedente de 27.940 milhões de escudos.

No que diz respeito ao fundo de maneo necessário, a empresa obteve um valor muito elevado (104.072 milhões de escudos) no ano 2010, o que significa que os recursos cíclicos não foram suficientes para financiar as necessidades cíclicas (só financiam 42% das necessidades cíclicas). O elevado valor das necessidades do ciclo de exploração é explicada pelo elevado valor dos inventários e dos clientes.

A Tecnicil Indústria viu a sua necessidade de fundo de maneo a diminuir no ano 2011 para 92.329 milhões de escudos, graças a aumento dos recursos cíclicos em cerca de 57,61%, o que é maior do que o aumento das necessidades cíclicas (17,40%) face ao período homólogo. No último ano em análise, a empresa viu uma evolução desfavorável do seu registo no que diz respeito a necessidade de fundo de maneo, uma vez que esta cresceu cerca de 36% em relação ao ano 2011. Os principais motivos do aumento da necessidade de ciclo de exploração, foram o crescimento das necessidades cíclicas em 13,64% (causado essencialmente pelo aumento da conta cliente) e a redução dos recursos cíclicos na ordem dos 4%.

Quanto à análise da tesouraria líquida da empresa, podemos constatar que o seu valor foi negativo nos últimos 3 anos em estudo. Portanto é correto afirmar que o fundo de maneo não foi suficiente para financiar as necessidades do ciclo de exploração.

Também a tesouraria líquida é dada pela diferença entre a tesouraria ativa e a tesouraria passiva, desta forma podemos dizer que o seu valor é fruto do baixo resultado da tesouraria ativa e do alto resultado da tesouraria passiva da empresa nos anos em análise.

Do ponto de vista financeiro a situação da Tecnicil Indústria nos últimos 3 anos não foram favoráveis, uma vez que a empresa não conseguiu financiar a sua necessidade de ciclo de exploração. Esta dificuldade de financiamento pode representar a incapacidade da empresa, no cumprimento das suas obrigações. Mas no ano 2012 a Tecnicil Indústria teve a capacidade de contrariar a tendência dos resultados do ano 2011 e assim reduzir a sua tesouraria líquida negativa de 102.692 milhões de escudos para 97.656 milhões de escudos. Contudo é necessário que a Tecnicil Indústria repense a sua estratégia de modo a atingir o equilíbrio financeiro através da conjugação da política estratégica (FM) com a política de gestão operacional (NFM).

Quadro 7 - Demonstração de resultado

Moeda: mCVE

RUBRICAS	PERIODO				Variação			
	31-12-2012		31-12-2011	31-12-2010	2012/2011		2011/2010	
	Notas	Valores	Valores	Valores	Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa
Vendas e Prestações de serviços		728.148	741.044	747.675	-12.896	-1,74%	-6631	-0,89%
Variação nos inventario de produções		15.680	11.173	14.792	4507	40%	-3619	-24%
Gasto com mercadorias vendidas e matérias consumidas		-220.527	-216.845	-193.140	-3.682	2%	-23.705	12%
Resultado operacional bruto		523.301	535.372	569.327	-12.071	-2%	-33.955	-6%
Fornecimentos e serviços externos		-219.491	-228.181	-230.188	8.690	-4%	2.007	-1%
Valor acrescentado bruto		303.810	307.192	339.139	-3.382	-1%	-31.947	-9%
Gastos com o pessoal		-107.927	-104.795	-99.677	-3.132	3%	-5.118	5%
Ajustamento d inventários (perdas/reversões)		-2.384	-7.022	-2.251	4.638	-66%	-4.771	212%
Imparidade de dívidas a receber (perdas/reversões)		-7.425	-4.240	0	-3.185	75%	-4.240	0%
Provisões (aumento/redução)		0	0	-3.000	0	0%	3.000	-100%
Outros gastos e perdas		-13.278	-15.047	-8.109	1.769	-12%	-6.938	86%
Outros rendimentos e ganhos		3.575	3.280	15.096	295	9%	-11.816	-78%
Res. antes de depreciações, amort., perdas/ganhos de financiamento e impostos		176.371	179.368	241.198	-2.997	-2%	-61.830	-26%
Gastos/Reversões de depreciação e de amortização		-131.870	-127.437	-119.522	-4.433	3%	-7.915	7%
Perdas/reversões por imparidade de ativos depreciaíveis/amortizáveis		0	9	0	-9	-100%	9	0%
Resultado operacional		44.501	51.940	121.676	-7.439	-14%	-69.736	-57%
Juros e ganhos similiras suportdos		2.060	0	0	2.060	0%		
Juros e perdas similares suportados		-35.015	-36.911	-42.866	1.896	-5%	5.955	-14%
Resultado antes de Impostos		11.546	15.029	78.810	-3.483	-23%	-63.781	-81%
Imposto sobre o rendimento do periodo		-2.006	0	0	-2.006	0%		
Resultado liquido do periodo		9.540	15.029	78.810	-5.489	-37%	-63.781	-81%

Fonte: Apêndice 3

O resultado líquido da Tecnici Indústri no período 2010 cifrou em 78.810 milhões de escudos, uma vez que o total dos rendimentos da empresa foi superior ao total dos gastos em cerca de 11%. Já em 2011, o resultado líquido sofreu uma redução de 63.781 milhões de escudos face ao ano anterior. A diminuição das vendas e prestações de serviços em 1%, o aumento dos gastos com mercadorias vendidas e matérias consumidas em 12%, o aumento do custo com pessoal em 5%, o aumento dos outros gastos e perdas em 86%, o aumento das amortizações acumuladas em 7% e a

diminuição dos outros ganhos e rendimentos em 78%, foram as principais causas do decréscimo do resultado líquido em cerca de 81% em relação ao período homólogo. No ano 2012 a empresa não conseguiu evitar uma diminuição do resultado líquido em 37% face ao ano 2011. Essa diminuição é alavancada essencialmente pela diminuição das vendas e prestações de serviços em 2%, pelo aumento amortizações acumuladas em 3%, e também pelo aumento dos gastos com pessoais em 3% relativamente ao período homólogo. Pela parte positiva, a empresa conseguiu reduzir os gastos com fornecimentos e serviços externos (4%), perdas com ajustamento de inventários (66%) comparando com o valor do ano anterior, mas essas melhorias não foram suficientes para absorver as variações negativas ocorridas entre o ano 2011 e o ano 2012.

Do ponto de vista do desempenho, os rendimentos da Tecnicil Indústria em 2010, rondaram os valores de 777.563 milhões de escudos, mas no ano 2011 essa rubrica sofreu uma variação negativa na ordem dos 2,8% em relação ao ano 2010, essencialmente devido a uma diminuição de outros rendimentos e ganhos em 78%.

No ano 2012, a empresa viu o seu rendimento a sofrer uma outra variação negativa na ordem dos 0,8% face ao ano anterior, motivada essencialmente pela diminuição das vendas de 741.044 milhões de escudos em 2011 para 728.148 milhões de escudos em 2012, ou seja, uma redução de 1,74 em termos percentual.

No que diz respeito aos gastos da empresa podemos constatar que em 2010, os gastos cifraram 698.753 milhões de escudos. Em 2011 os gastos da empresa aumentaram cerca de 6,4% face ao ano anterior, isto porque, os gastos com mercadorias vendidas e matérias consumidas aumentaram em 12% e os outros gastos e perdas aumentaram em 86% relativamente ao ano 2010. A empresa conseguiu controlar os seus gastos em 2012, diminuindo assim em cerca de 0,3% em relação ao ano 2011, devido essencialmente a uma redução dos fornecimentos e serviços externos em cerca de 8.690 milhões de escudos.

Numa análise dinâmica, podemos concluir que no ano 2011 as vendas da empresa reduziram cerca de 0,9% face ao período homólogo, mas os custos com cada unidades vendidas não pararam de crescer, uma vez que a Tecnicil indústria passou a ter um custo médio de 29,3% por unidades vendidas. O total das outras despesas cifraram em 70,7% por cada 1 escudo do valor da venda, o que permite a empresa obter somente 2% de lucro com a venda. Isso demonstra que mesmo com a redução das vendas, a empresa não conseguiu reduzir os seus custos numa proporção igual a redução das vendas.

No ano 2012 a redução das venda em 1,7% não impediu o aumento dos custos com cada unidades vendidas para 30,3%, o que revela a pouca capacidade da empresa em reduzir os seus custos com mercadorias vendidas numa proporção igual a das vendas. As outras despesas representaram 71,3% de cada unidade vendida, o que reduziu o lucro da Tecnicil indústria para 1,3% por cada 1 escudo de vendas

Quadro 8 - Demonstração de fluxo de Caixa

Moeda: mCVE

RUBRICAS	PERÍODO				Variação			
	2012		2011	2010	2012/2011		2011/2010	
	Notas	Valores	Valores	Valores	Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa
Método Directo								
<u>Fluxos de caixa das actividades operacionais</u>								
Recebimentos de clientes		794.326,00	835.483,00	857.261,00	-41.157	-4,93%	-21.778	-2,54%
Pagamentos a fornecedores		-505.683,00	-502.698,00	-535.776,00	-2.985	0,59%	33.078	-6,17%
Pagamentos ao pessoal		-97.012,00	-87.788,00	-87.853,00	-9.224	10,51%	65	-0,07%
Caixa gerada pelas operações		191.631,00	244.997,00	233.633,00	-53.366	-21,78%	11.364	4,86%
Pagamento/recebimento do imposto sobre o rendimento		-1.100,00	-1.287,00	0,00	187	-14,53%	-1.287	0,00%
Outros pagamentos		-82.329,00	-76.794,00	-54.234,00	-5.535	7,21%	-22.560	41,60%
Fluxos de caixa das actividades operacionais (1)		108.202,00	166.915,00	179.399,00	-58.713	-35,18%	-12.484	-6,96%
<u>Fluxos de caixa das actividades de investimento</u>								
Pagamentos respeitantes a:		-39.934,00	-51.373,00	-107.264,00	11.439	-22,27%	55.891	-52,11%
Activos fixos tangíveis		-38.606,00	-51.317,00	-102.851,00	12.711	-24,77%	51.534	-50,11%
Activos intangíveis		-1.328,00	-56,00	-4.413,00	-1.272	2271,43%	4.357	-98,73%
Recebimentos provenientes de:		141,00	0,00	0,00	141	0,00%	0	0,00%
Juros e rendimentos similares		141,00	0,00	0,00	141	0,00%	0	0,00%
Fluxos de caixa das actividades de investimento (2)		-39.793,00	-51.372,00	-107.264,00	11.579	-22,54%	55.892	-52,11%
<u>Fluxos de caixa das actividades de financiamento</u>								
Recebimentos provenientes de:		16.720,00	38.280,00	47.000,00	-21.560	-56,32%	-8.720	-18,55%
Financiamentos obtidos		16.720,00	38.280,00	47.000,00	-21.560	-56,32%	-8.720	-18,55%
Pagamentos respeitantes a:		-106.193,00	-137.291,00	-106.175,00	31.098	-22,65%	-31.116	29,31%
Financiamentos obtidos		-62.476,00	-76.032,00	-51.923,00	13.556	-17,83%	-24.109	46,43%
Juros e gastos similares		-32.828,00	-35.509,00	-35.833,00	2.681	-7,55%	324	-0,90%
Dividendos		-10.889,00	-25.750,00	-18.419,00	14.861	-57,71%	-7.331	39,80%
Fluxos de caixa das actividades de financiamento (3)		-89.474,00	-99.011,00	-59.175,00	9.537	-9,63%	-39.836	67,32%
Variação de caixa e seus equivalentes (1+2+3)								
		-21.065,00	16.532,00	12.960,00	-37.597	-227,42%	3.572	27,56%
Caixa e seus equivalentes no início do período		17.773,00	1.241,00	-11.719,00	16.532	1332,15%	12.960	-110,59%
Caixa e seus equivalentes no fim do período		-3.292,00	17.773,00	1.241,00	-21.065	-118,52%	16.532	1332,15%

Fonte: Apêndice 6

A demonstração do fluxo de caixa é considerada como um dos melhores instrumentos de avaliação da empresa, uma vez que informa-nos sobre a liquidez da empresa, condição necessária para a sobrevivência da mesma.

A atividade operacional da Tecnicil Indústria foi avaliada em 179.399 milhões de escudos em 2010, uma vez que os recebimentos dessas atividades (recebimentos dos clientes) são superior ao somatório dos pagamentos dos fornecedores, pessoais e outros pagamentos. Por outro lado, a atividade de investimento apresentou um saldo negativo no valor de 107.264 milhões de escudos. Este valor é causado essencialmente pelo elevado investimento nos ativos fixos tangíveis no valor de 102.851 milhões de escudos, representando assim cerca de 96% de todo o investimento feito pela empresa.

O fluxo líquido da atividade de financiamento foi negativo (59.175 milhões de escudos), devido ao elevado gasto financeiro que a empresa teve de pagar, o que ultrapassou a soma dos valores relativos aos instrumentos de financiamentos (empréstimo de curto, médio e longo prazo).

Portanto em 2010 a demonstração de fluxo de caixa teve uma variação positiva no valor de 12.960 milhões de escudos, uma vez que o saldo positivo do fluxo operacional foi suficiente para cobrir os valores negativos das duas outras atividades. Mesmo com dedução do valor negativo da caixa e os seus equivalentes do início de período 2010 no valor de 11.719 milhões de escudos, a Tecnicil Indústria conseguiu obter um fluxo final de 1.241 milhões de escudos.

No ano 2011 o principal fluxo da atividade da empresa era de 166.915 milhões de escudos, ou seja, houve um decréscimo em quase 7% face ao período homólogo, causado essencialmente pelo aumento do saldo da conta outros pagamentos da empresa em 41.6% e também pelo pagamento de imposto sobre o rendimento, rubrica que não foi pago no ano 2010. Tendo em conta que o resultado líquido do período possui uma grande influência no fluxo de caixa operacional, então podemos afirmar que a redução do resultado líquido em 81% no ano 2011 teve uma grande influência na redução do valor do fluxo de caixa da atividade operacional. Do ano 2010 para 2011 a empresa melhorou o seu fluxo da atividade de investimento, uma vez que o investimento nos

ativos fixos tangíveis reduziu cerca de 50% e o investimento nos ativos intangíveis decresceu na ordem dos 99%, face ao período homólogo. É de salientar que a Tecnicil Indústria teve um recebimento no valor de 141 mil escudos, valor que não foi suficiente para cobrir os valores pagos pelos investimentos feitos.

O ano 2011 veio confirmar a diminuição do valor do fluxo de financiamento (99.011 milhões de escudos) face ao período homólogo. A diminuição do recebimento dos financiamentos obtidos em 18,55%, o aumento no pagamento dos financiamentos obtidos em cerca de 29% e o aumento no pagamento dos dividendos em quase 40% foram os principais motivos para a redução do valor do fluxo de financiamento.

Mesmo com um fluxo negativo da atividade de investimento e da atividade de financiamento, a Tecnicil Indústria conseguiu anular esses fluxos negativos com o valor do fluxo operacional e ainda obteve um excedente no valor 16.532 escudos. Juntando esse valor com o saldo da conta caixa e seus equivalentes no final do período 2010, a empresa teve um fluxo final no valor de 17.773 milhões de escudos.

No último ano em análise, a variação da caixa e seus equivalentes, foram negativas no valor de 21.065 milhões de escudos, uma vez que o fluxo operacional da empresa diminuiu cerca de 35,18% face ao período homólogo e o fluxo de investimento e de financiamento cresceu 22,54% e 9,63% relativamente ao ano 2011. O principal motivo da diminuição do fluxo de caixa no ano 2012 continuou a ser a diminuição do recebimento dos clientes, portanto com esta diminuição o resultado do fluxo operacional, tornou-se incapaz de cobrir os valores negativos das duas outras atividades da Tecnicil Indústria.

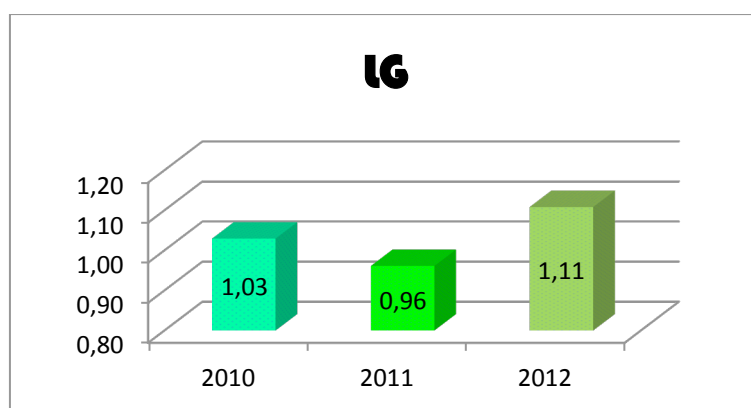
Com uma variação negativa no valor de 21.065 milhões de escudos a empresa teve que recorrer aos valores da caixa e seus equivalentes no início do período para cobrir a variação, mas mesmo assim a empresa não evitou a obtenção de um resultado final negativo na ordem dos 3.292 milhões de escudos, uma vez que a variação negativa da

caixa e seus equivalentes é superior ao valor da caixa e seus equivalentes no início do período em termos absoluto.

3.2.3 Análise dos Rácios

Para a elaboração de uma análise mais completa é necessário calcular alguns rácios e indicadores, considerados cruciais para a leitura da situação económica e financeira da Tecnicil Indústria.

Gráfico 1 - Liquidez geral



Fonte: Elaboração Própria

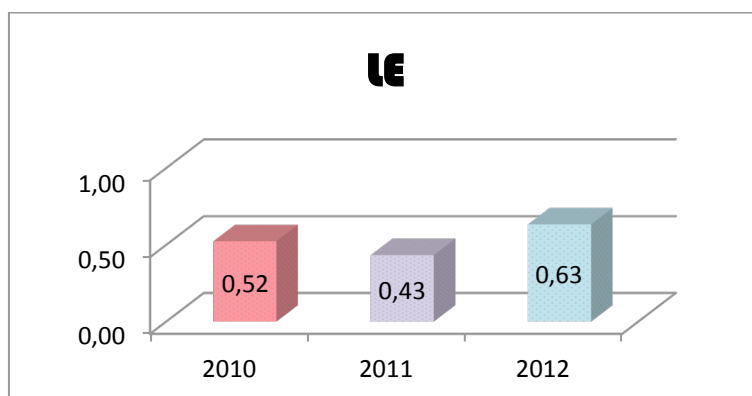
No ano 2010 empresa apresentou uma liquidez geral positiva no valor de 1,03 escudos, tendo este valor decrescido para 0,96 escudos em 2011 e aumentando novamente em 2012 num valor cifrado em 1,11 escudos. Portanto para cada 1 escudo a vencer no curto prazo, a empresa possuía de 1,03 escudos, 0,96 escudos e 1,11 escudos de recursos aplicados nos ativos nos anos 2010, 2011 e 2012 respetivamente. Podemos constatar que no primeiro e no último ano em estudo, a empresa conseguiu cobrir as suas dívidas de curto prazo e ainda ficar com algum excedente, mas no ano 2011 a empresa precisou de 4 centavos adicionais para poder anular a dívida de curto prazo na sua totalidade.

A redução da liquidez geral em 2011 é explicada pelo aumento do passivo corrente mais do que proporcional ao aumento do ativo corrente, ou seja, o ativo corrente não cresceu o suficiente para acompanhar o crescimento do passivo corrente em 23,5% face ao

período homólogo. O aumento dos saldos dos acionistas e outras contas a pagar tiveram enorme influência no acréscimo das dívidas de curto prazo.

Em 2012 houve uma melhoria na liquidez geral, passando de 0,96 escudos para 1,11 escudos. Essa melhoria é motivada essencialmente pelo aumento do saldo da conta cliente em 74,2%, que juntamente com as outras rubricas, fez o ativo corrente crescer aproximadamente 12% face ao período homólogo e também pela diminuição do saldo de outras contas a pagar em 40,2%, contribuindo assim para a diminuição das dívidas a curto prazo em 3% em relação ao período anterior. É pertinente ressaltar que o aumento do saldo da conta cliente em 46.944 milhões de escudos, pode não ser benéfica para a empresa, tendo em conta que a sua capacidade da cobrança será posta em causa.

Gráfico 2 - Liquidez reduzida



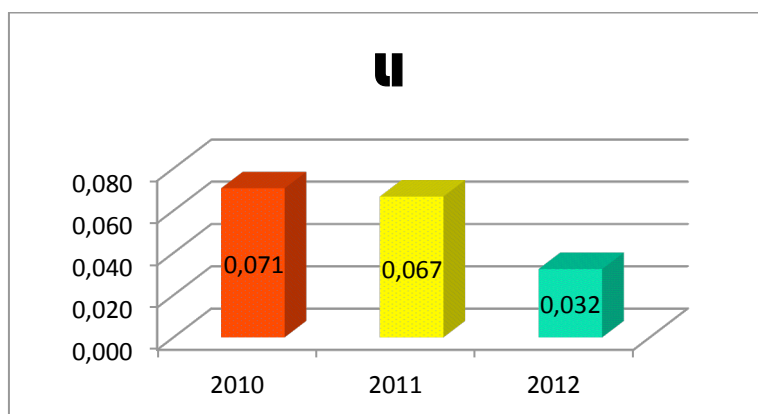
Fonte: Elaboração Própria

Em 2010 a capacidade da empresa sem contar com os inventários para honrar os seus compromissos de curto prazo, é de 0,52 escudos para cada 1 escudo de dívida com maturidade de um ano. Portanto isso demonstra que a empresa não tem recursos suficientes para fazer face às suas dívidas, permitindo assim constatar que o inventário representa aproximadamente 50% do ativo corrente. No ano 2011 a situação da empresa agravou mais ainda, uma vez que a empresa viu a sua capacidade a reduzir em 9 centavos em relação ao ano 2010. O inventário da empresa cresceu cerca de 29%, deixando assim o restante do ativo corrente num valor absolutamente insuficiente para cobrir os passivos correntes, que cresceram 23,5% face ao período homólogo.

No ano 2012 o inventário reduziu cerca de 18.182 milhões de escudos em relação ao ano anterior, permitindo a empresa pagar 0,63 escudos para cada 1 escudo de dívida a curto prazo, sem contar com o valor do inventário. Quando o inventário da empresa apresentar valores elevados, de certa forma a liquidez da empresa torna-se reduzida, visto que o inventário é a parte menos líquida, ou seja, de menor conversão dentro do ativo da empresa.

O nível normal considerado para a liquidez reduzida é de um escudo, no entanto para os três anos em estudo os valores obtidos são inferiores ao nível considerado ideal, o que significa que a melhor forma de avaliar a liquidez da empresa, considera que a empresa não possui capacidade suficiente para solver os compromissos de curto prazo.

Gráfico 3 - Liquidez imediata



Fonte: Elaboração Própria

A liquidez imediata procura revelar a capacidade da Tecnicil Indústria em pagar as suas dívidas de curto prazo somente com as disponibilidades. Portanto em 2010, para cada 1 escudo de dívida a vencer no curto prazo, a empresa só tem a capacidade de pagar 0,071 escudos dela com a disponibilidade. Isso demonstra que sem contar com as outras rubricas do ativo corrente (levando em consideração somente a caixa e os seus equivalentes), a empresa possui a capacidade de solver somente 7% dos compromissos de curto prazo.

Já no ano 2011 mesmo com o aumento da caixa e seus equivalentes em 16,7% face ao ano anterior, a liquidez imediata reduziu para 0,067 escudos, uma vez que o aumento do

passivo corrente (23,5%) é mais do que proporcional ao aumento da caixa e depósitos bancários. No último ano em análise, a liquidez imediata reduziu drasticamente face ao período homólogo, tendo em conta que do ano 2011 para o ano 2012 a disponibilidade da empresa reduziu cerca de 53%, valor desproporcional à diminuição do passivo corrente (3%).

Quadro 9 - Influência das rubricas do ativo corrente na liquidez geral

	2010	2011	2012
LIQUIDEZ GERAL	1,03	0,96	1,11
INVENTARIO	0,51	0,53	0,47
CLIENTES E OUTROS	0,45	0,37	0,60
CAIXA E DEPÓSITOS BANCÁRIOS	0,071	0,067	0,032

Fonte: Elaboração Própria

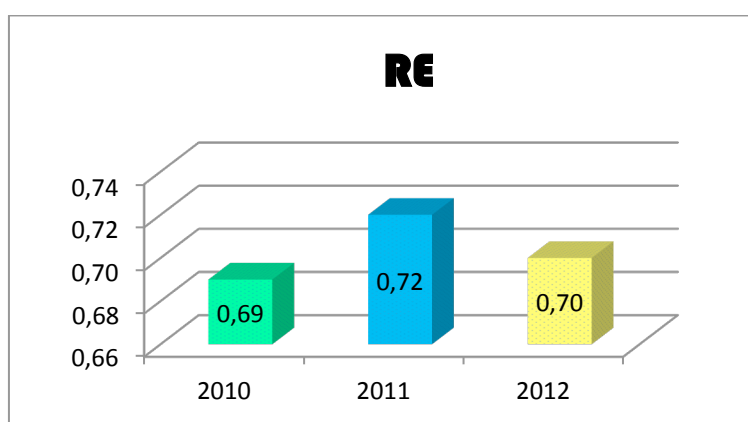
Podemos constatar que na liquidez geral da Tecnicil indústria em 2010, os inventários tiveram uma contribuição de 0,51 escudos, os clientes e as outras contas tiveram uma contribuição de 0,45 escudos e a caixa e depósitos bancários representaram a liquidez geral em 0,071escudos.

No ano 2011, a diminuição da liquidez geral em 7% face ao período homólogo, fez com que os clientes e as outras contas diminuíssem as suas representações na liquidez geral em 19%, a caixa e depósitos bancários diminuíssem as suas contribuições em 6%. Mesmo com a diminuição da liquidez geral, o contributo dos inventários aumentaram em 4%.

Com a melhoria da liquidez geral em 2012, os clientes e outras contas da Tecnicil Indústria aumentaram as suas contribuições na liquidez geral, mas em sentido inverso estiveram os inventários e a caixa e depósitos bancário.

Analisando o quadro, pode se concluir que a rubricas que mais representaram a liquidez geral da Tecnicil Indústria no cômputo dos três anos foram os inventários.

Gráfico 4 - Rácios de endividamento



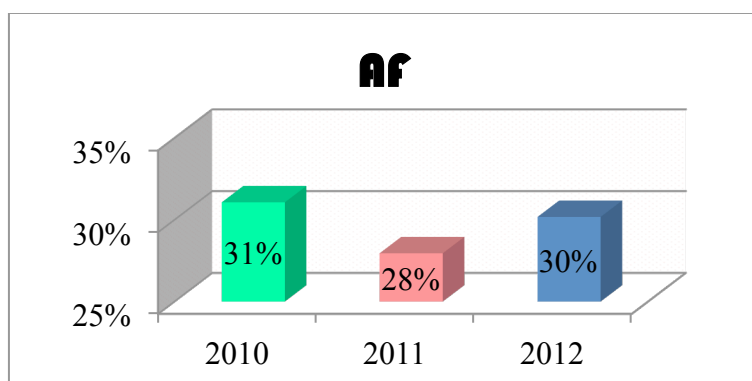
Fonte: Elaboração Própria

O rácio do endividamento revela a parcela do ativo que é financiado pelo passivo num determinado período de tempo. Em 2010, por cada 1 escudo do ativo, 0,69 escudos dos ativos são financiados pelo passivo, portanto isso quer dizer que a empresa financia o seu ativo somente com 0,31 escudos dos capitais próprios.

Já no ano seguinte, o rácio endividamento aumentou para 0,72 escudos devido a uma diminuição paulatina do ativo da empresa em 1,4% e a um aumento razoável do passivo em 3,1% em relação ao ano anterior.

Os ativos da empresa sofreram novamente uma redução no ano 2012 (cerca de 7,7%), o que associado a uma diminuição do capital alheio em 10,6%, provocaram um decréscimo do rácio para 0,70 escudos.

Gráfico 5 - Autonomia financeira



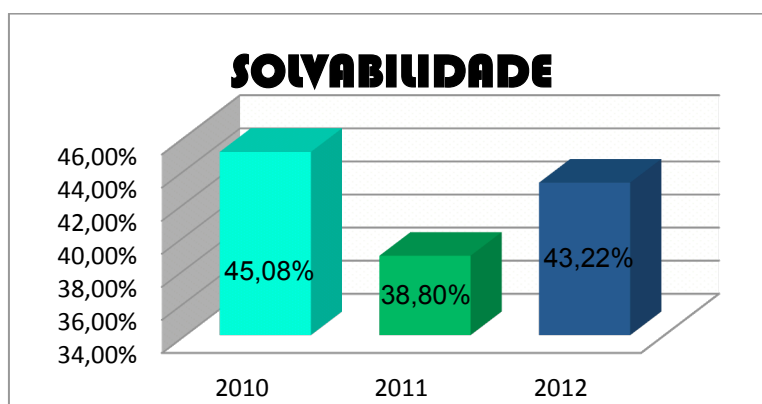
Fonte: Elaboração Própria

Em 2010, 31% dos ativos são financiados pelos capitais próprios e os restantes são financiados pelos capitais alheios.

O ano 2011 foi marcado pela redução da autonomia financeira da empresa (28%) devido a um decréscimo dos capitais próprios em 11,3 % e a um aumento dos passivos em 3,1% face ao período homólogo. Sendo assim, isso demonstra que mesmo com a diminuição dos ativos, a empresa apostou em financiar os ativos na maioria das suas partes com os capitais alheios.

Já no ano 2012, os capitais próprios financiaram os ativos em 30%, portanto podemos constatar que a empresa abdicou dos capitais alheios em 2% no financiamento do ativo.

Gráfico 6 - Solvabilidade



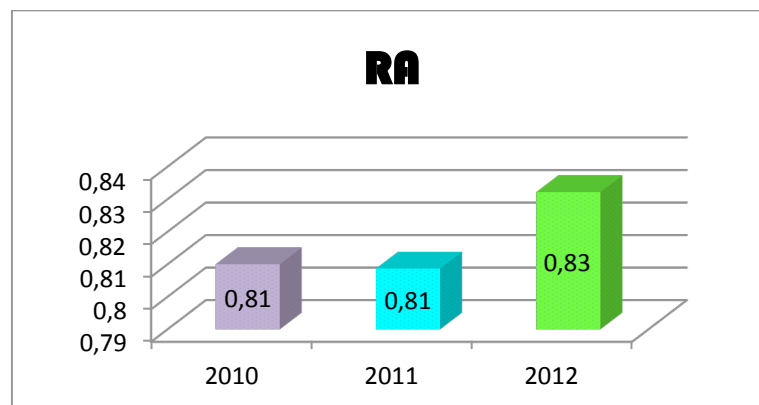
Fonte: Elaboração Própria

A solvabilidade diz nos qual é a capacidade da empresa em honrar os seus compromissos em médio e longo prazo. A empresa apresentou baixos indicadores de solvabilidade nos 3 anos em análises, o que mostra que o peso dos capitais próprios é baixo em relação ao peso dos capitais alheios.

Do ano 2010 para o ano 2011, a solvabilidade da empresa decresceu drasticamente, de 45,08% para 38,80%. Esta variação é explicada pelo aumento dos capitais alheios, o que por sua vez provoca o aumento dos passivos e a diminuição dos capitais próprios da Tecnicil Indústria.

O ano 2012 veio confirmar a melhoria da solvabilidade da Tecnicil Industria no valor relativo de 43,22%, aumentando assim a capacidade de solver os compromissos de médio e longo prazo. De uma certa forma os dados permitem aos credores da empresa acreditar que a entidade tem que fazer grande esforço para poder cumprir com as suas obrigações.

Gráfico 7 - Rotação do ativo



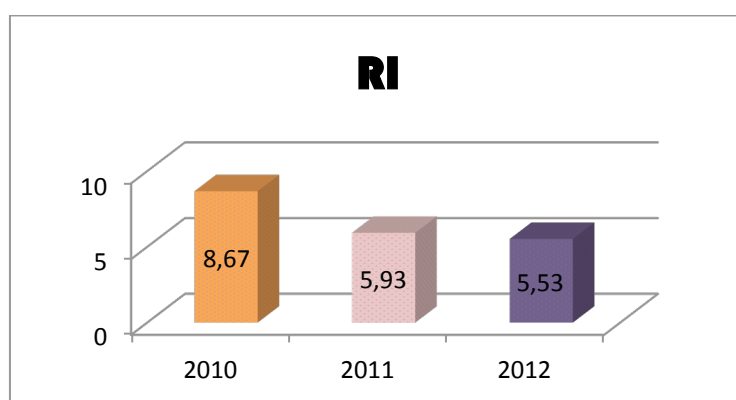
Fonte: Elaboração Própria

No ano 2010 a rotação do ativo da Tecnicil Indústria cifrou em 0,81 escudos. Portanto, isso significa que por cada 1 escudo do investimento feito nos ativos, ajudou a empresa a vender 0,81 escudos dos produtos comercializados.

Em 2011 a rotação do ativo da empresa permaneceu o mesmo do ano anterior confirmando assim que o ativo tem uma rotação de 0,81 vezes durante o ano.

No ano 2012 a empresa viu o seu volume de negócio aumentando de 0,81 escudo para 0,84 escudo por cada 1escudo do investimento nos ativos. Este aumento é causado essencialmente pela diminuição dos ativos (7,7%) mais do que proporcional em relação a diminuição do volume de negócio (2%).

Gráfico 8 - Rotação do inventário



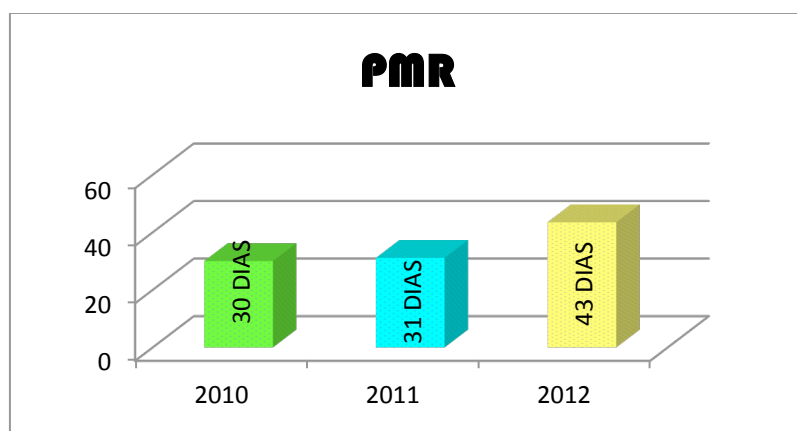
Fonte: Elaboração Própria

No ano 2010 o inventário da Tecnicil Indústria teve uma rotação de 8,67 vezes durante o ano, isso de uma certa forma pode revelar a eficiência e a eficácia da empresa.

Em 2011 a Tecnicil Indústria viu o seu inventário a fazer uma rotação de forma lenta, tendo em conta que o inventário deixou de ter uma rotação de 8,67 vezes por ano e passou a ter uma rotação de 5,93 vezes durante o ano 2011. A diminuição das vendas e o aumento do inventário em *stock* são os principais responsáveis pela diminuição da rotação.

O mesmo indicador reduziu paulatinamente em 2012, mostrando que o inventário da empresa teve uma rotação de 5,53 vezes durante o ano. Neste ano, mesmo com a diminuição do inventário em *stock*, a empresa não conseguiu aumentar as suas vendas.

Gráfico 9 - Prazo médio de recebimento



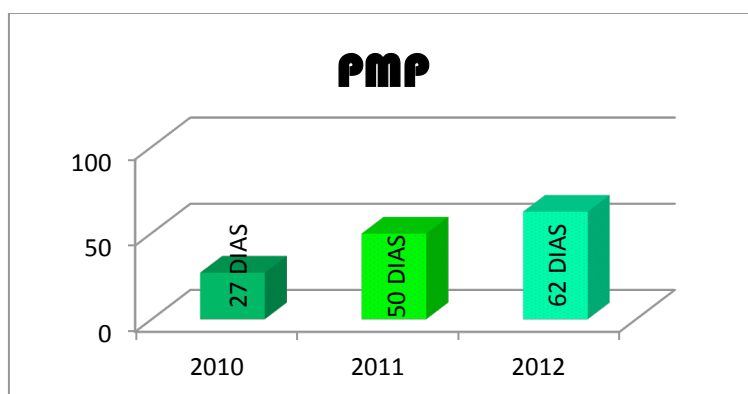
Fonte: Elaboração Própria

Com o prazo médio de recebimento em 30 dias no ano 2010, a Tecnicil Indústria delatou o PMR em dia em 2011, ou seja, passou a ser cerca de um mês. Só podemos afirmar que o prazo estipulado pela empresa é bom se fizermos uma comparação com o prazo médio de pagamento do mesmo período.

No ano 2012, o prazo concedido aos clientes para pagar as suas dívidas aumentaram cerca de 12 dias em relação ao ano anterior. Podemos constatar que o saldo dos clientes aumentou cerca de 74.2% do ano 2011 para o ano 2012, confirmando assim uma diminuição da rotação dos clientes.

É imprescindível destacar a capacidade de cobrança da empresa, fazendo uma análise evolutiva dos prazos de recebimentos de cada cliente e o volume de negócios que a empresa tem com os seus clientes.

Gráfico 10 - Prazo médio de pagamento



Fonte: Elaboração Própria

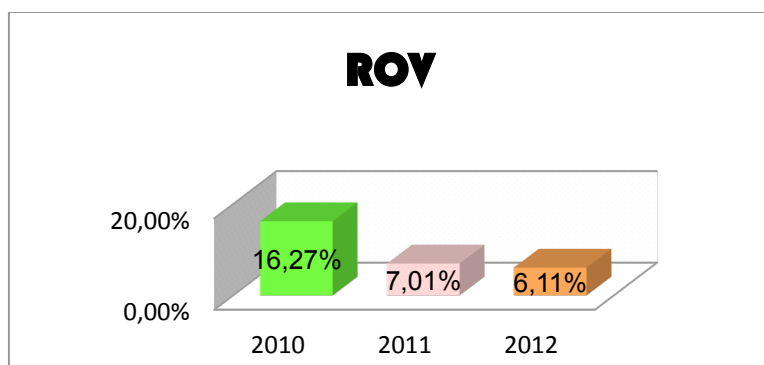
O prazo médio de pagamento mede a celeridade com que a empresa costuma pagar as suas dívidas aos fornecedores.

No ano 2010 o prazo médio com que a Tecnil Indústria pagou aos fornecedores foi de 27 dias, mas com o objetivo de garantir o recebimento antes do pagamento, a empresa negociou o prazo médio de pagamento, ficando assim acordado um prazo de 50 dias.

A empresa conseguiu delatar esse prazo no ano 2012 para 62 dias, o que lhe permitiu reduzir a sua dívida com os fornecedores em cerca de 10,4% face ao período homólogo.

O prazo médio de pagamento é superior ao prazo médio de recebimento o que significa que a empresa se mantém em boa posição em relação aos fornecedores, recebendo dos clientes só depois pagando aos fornecedores.

Gráfico 11 - Rendibilidade operacional das vendas



Fonte: Elaboração Própria

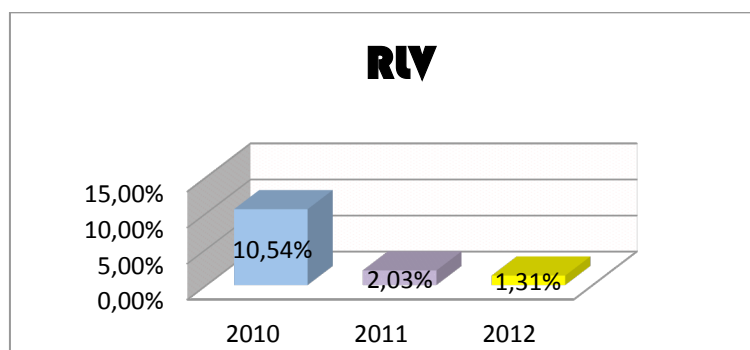
A rentabilidade operacional das vendas mede o lucro ou o prejuízo operacional da empresa, por cada unidade de produtos vendidos. Este rácio mede a relação entre as vendas e os resultados operacionais. No cômputo geral, a empresa apresentou um indicador positivo desta rentabilidade, embora decrescente nos três últimos anos.

No ano 2010 o valor do rácio foi de 16,27%, o que significa que para cada 100 escudos em produtos vendidos, a Tecnicil Indústria obteve 16,27 escudos de retorno, ou seja, empresa conseguiu cobrir todos os custos operacionais e ainda obter um excedente de 16,27 escudos.

O mesmo rácio diminuiu para 7,01% em 2011, o que quer dizer, que a empresa teve um decréscimo nos retornos, com as mesmas 100 unidades de produtos vendidas em 2010. Este decréscimo é explicado quase integralmente pela grande diminuição dos resultados operacionais (cerca de 57% face ao período homólogo) em 2011, também motivada pelo aumento dos gastos com pessoal (5%), dos gastos com mercadorias vendidas e matérias consumidas (12%) e dos gastos com depreciações e amortizações (7%) em relação ao ano 2010.

No intervalo dos dois últimos anos em análise, a rentabilidade operacional das vendas decresceu paulatinamente para 6,11%, devido a diminuição do resultado operacional em 7.439 milhões de escudos, representando cerca de 14% do decréscimo, face ao período 2011.

Gráfico 12 - Rentabilidade líquida das vendas



Fonte: Elaboração Própria

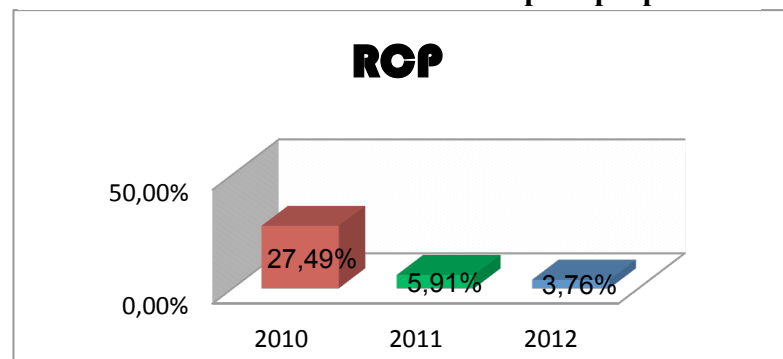
A rentabilidade líquida das vendas, mede o lucro ou prejuízo da empresa por unidades vendidas. É relacionada a eficiência das vendas na geração dos lucros com os efeitos de financiamento da carga fiscal.

No ano 2010, a rentabilidade da Tecnicil Indústria era de 10,54%, o que significa que para cada 100 escudos em produtos vendidos, a empresa conseguiu obter uma rentabilidade líquida de 10,54 escudos. O elevado valor do rácio nesse ano é explicado pelo baixo valor dos gastos da empresa em relação ao valor dos rendimentos, portanto, a empresa conseguiu encaixar um resultado antes do imposto no valor de 78.810 milhões de escudos, valor considerado como resultado líquido do período, uma vez que o imposto do ano 2010 é deduzido nos prejuízos do período anterior.

A rentabilidade líquida diminuiu drasticamente para 2,03% em 2011, provocado pela exorbitante diminuição do resultado líquido do período (81% face ao período homólogo). O crucial motivo da diminuição do resultado líquido do período, encontra-se explicado na interpretação da rentabilidade operacional das vendas do mesmo período.

A tendência negativa foi confirmada no ano 2012, com a diminuição do rácio para 1,31% em relação ao ano 2011. No ano 2012, para além dos gastos operacionais, a empresa teve que pagar cerca de 2.006 milhões de escudos, valor que pertence ao imposto sobre o rendimento do período.

Gráfico 13 - Rentabilidade do capital próprio



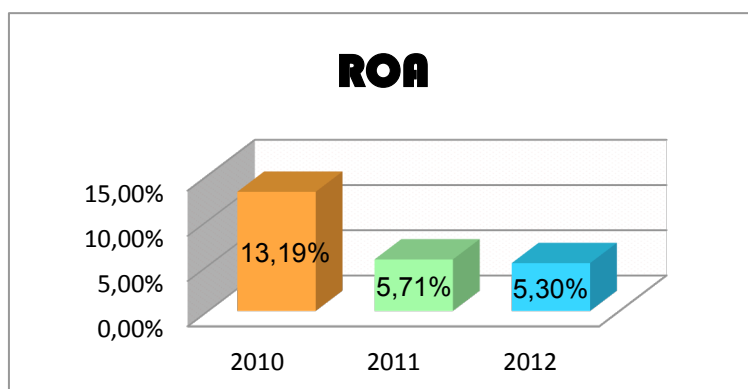
Fonte: Elaboração Própria

Do total das aplicações feitas pelos acionistas no ano 2010, os mesmos tiveram um retorno (lucro) de 27,49%, ou seja, por cada 100 escudos investidos nas empresas pelos acionistas, permitiram aos sócios recuperar o valor do investimento e ainda obter uma margem de 24,49 escudos.

A Tecnicil Indústria, viu a sua rentabilidade do capital próprio diminuindo drasticamente em 2011 atingindo valores de 5,91%, portanto face ao período homólogo a rentabilidade diminuiu 21,58%, motivada essencialmente pela diminuição do resultado líquido em 81% no ano 2011 face ao ano 2010.

O ano 2012 veio ainda confirmar o agravamento da rentabilidade dos acionistas, diminuindo de 5,91% para 3,76%. Como anteriormente, o resultado líquido diminuiu cerca de 37% em 2012 face ao período homólogo, obrigando os acionistas a ter um ganho menor.

Gráfico 14 - Rentabilidade operacional do ativo



Fonte: Elaboração Própria

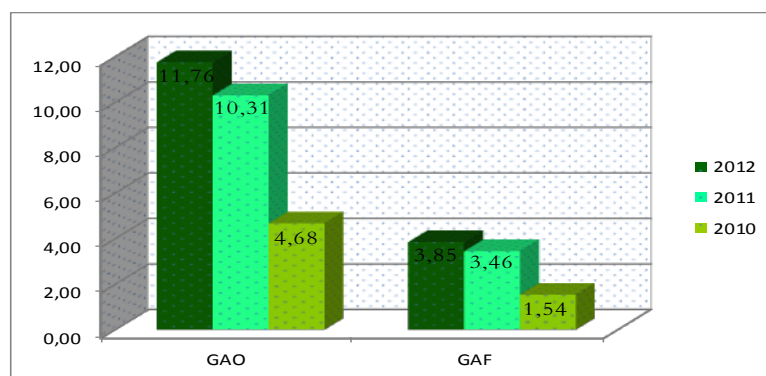
A empresa teve uma rentabilidade operacional de 13,19% em 2010, portanto isso significa que para cada 100 escudos investidos nos ativos, empresa obteve um retorno de 13,19 escudos.

Já nos anos 2011 e 2012, a Tecnicil indústria viu a rentabilidade do ativo diminuindo para 5,71% e 5,30% respetivamente. Convém dizer que estas diminuições se associam

com as diminuições dos ativos para 910.140 milhões de escudos e 839.848 milhões de escudos nos anos 2011 e 2012 respetivamente.

3.2.4 Indicadores de Risco

Gráfico 15 - Grau de alavancagem operacional e financeira



Fonte: Elaboração Própria

Tendo em conta que o GAO (grau da alavancagem operacional) avalia o risco de negócio da Tecnicil Indústria, então podemos afirmar que em 2010, a variação de 1% nas vendas provoca uma variação de 4,68% no resultado operacional da empresa. Só podemos afirmar que este risco é elevado se fizermos uma comparação com o GAO de uma outra empresa do mesmo setor. Já no ano 2011 o risco operacional da empresa aumentou para 10,31, o que denota um aumento da incerteza quanto aos resultados, uma vez que os custos fixos absorveram grande parte da margem bruta da empresa. Mesmo com a diminuição da margem bruta em 6%, o risco não diminuiu tendo em conta que os custos operacionais aumentaram em grandes proporções. O ano 2012 veio confirmar a tendência do crescimento do risco operacional, uma vez que o GAO passou de 10,31 em 2011 para 11,76 em 2012. Estes indicadores são calculados, tendo como base a margem bruta, o resultado operacional e o resultado corrente. Convém ressaltar que a empresa estará melhor quanto menor for o valor do GAO.

O GAF (grau de alavanca financeira) em 2010 foi de 1,54, o que significa que uma variação de 1% no resultado operacional provoca uma variação de 1,54% no resultado corrente da empresa. Em 2011 a Tecnicil indústria viu o seu risco financeiro a aumentar cerca de 50% em relação ao período homólogo, uma vez que uma ligeira diminuição dos encargos financeiros (14%), não foi suficiente para acompanhar uma drástica redução dos resultados operacionais (57%) no período em análise face ao período anterior, portanto podemos dizer que os encargos financeiros absorveram grande parte dos resultados operacionais. Do ano 2011 para o ano 2012, o risco financeiro passou de 3,46 para 3,85, sendo assim, podemos constatar que o risco aumentou paulatinamente no intervalo desses anos.

Quadro 10 - Ponto crítico das vendas e Margem de segurança

	ANO		
	2012	2011	2010
PCV	333.666	321.448	287.866
MS	54%	57%	61%

Fonte: Elaboração Própria

O ponto crítico das vendas indica o nível de atividades da Tecnicil Indústria em que o resultado operacional é nulo. Em termos reais isso pode significar prejuízo para a empresa, visto que a mesma pode ter encargos financeiros (juros).

Para que a Tecnicil Indústria conheça o seu ponto crítico, ela tem de saber qual é seu volume de negócio e ter a capacidade de uma separação dos custos totais em custos variáveis e custos fixos.

Em 2010 o ponto crítico das vendas da empresa foi de 287.866 milhões de escudos, portanto isso significa que com as vendas realizadas, a empresa estava a operar 61% acima do seu ponto de equilíbrio. Já no ano 2011 o ponto crítico das vendas aumentou para 321.448 milhões de escudos, o que permitiu a empresa obter uma margem de

segurança de 57%. Para que a Tecnicil Indústria obteria um resultado operacional nulo, ela tinha que diminuir o seu volume de negócio em 57%.

No último ano em análise o ponto crítico das vendas foi de 333.666 milhões de escudos, valor das vendas que permitiria a empresa obter um resultado operacional nulo. Com o aumento dos pontos críticos das vendas nos três anos em análise, a margem de segurança nos respectivos anos diminuíram face ao ano anterior, uma vez que o volume real do negócio 1% do ano 2010 para o ano 2011 e 2% do ano 2011 para o ano 2012. Portanto com o aumento das vendas críticas e a diminuição das vendas reais, a empresa teve uma redução da margem de segurança.

3.2.5 Pirâmide dos rácios

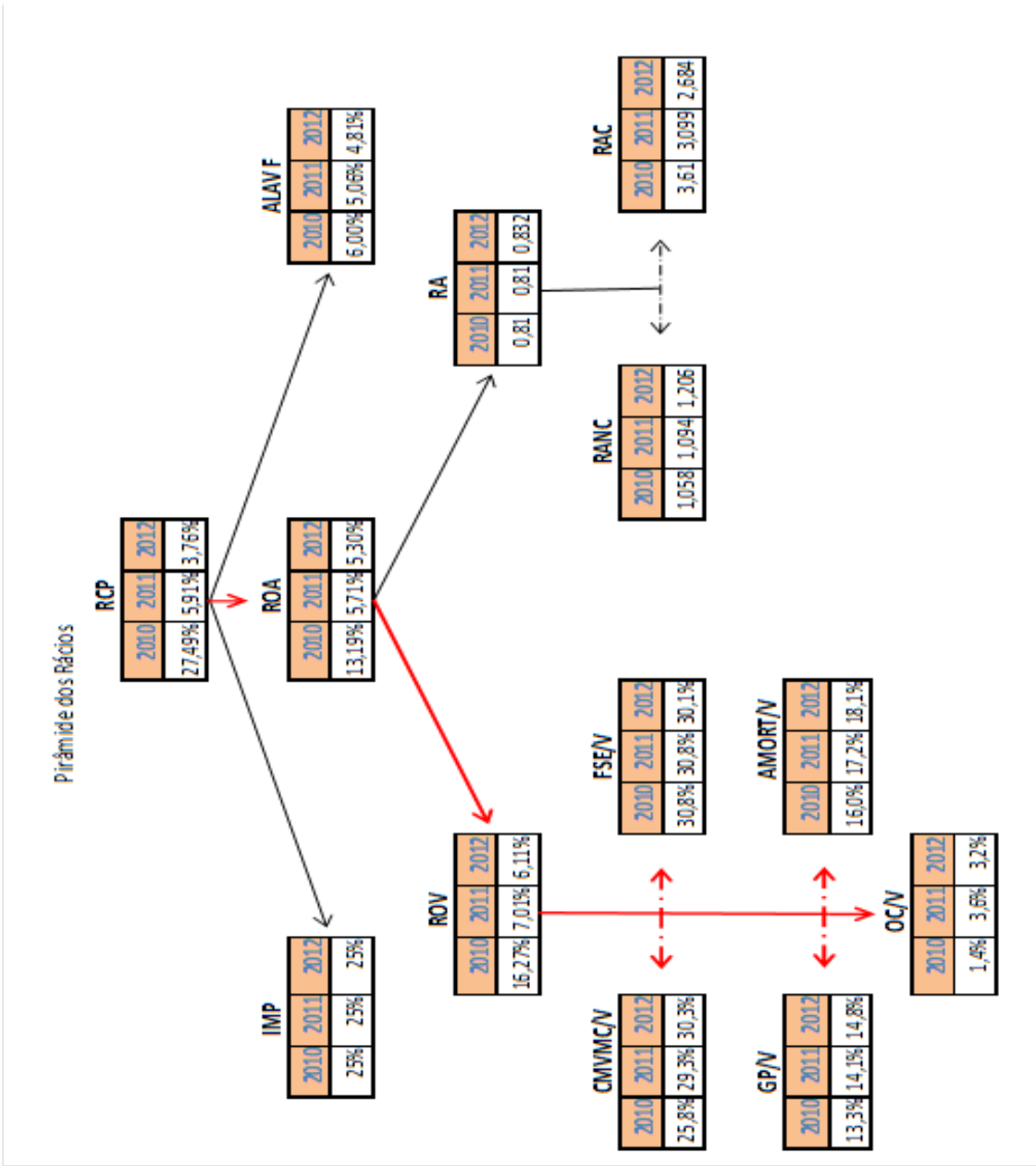


Figura 1 - Pirâmide dos rácios

Através da pirâmide dos rácios, podemos concluir que a diminuição da rendibilidade do capital próprio ou a rendibilidade dos acionistas durante os três anos é causado pela diminuição da rendibilidade operacional dos ativos. A alavanca financeira influenciou positivamente a RCP, visto que diminuiu constantemente do ano 2010 a 2012. A taxa do imposto permaneceu-se constante.

A rotação do ativo total teve uma evolução favorável devido ao aumento da rotação do ativo não corrente ao longo dos anos. Mas mesmo assim, não contribuiu de forma suficiente para o aumento da rendibilidade operacional dos ativos, uma vez que a rendibilidade operacional das vendas teve uma evolução extremamente negativa durante os três anos em análise.

A evolução negativa da rendibilidade operacional das vendas é explicada através do aumento dos custos com mercadorias vendidas, dos gastos com pessoais, das amortizações acumuladas e dos outros custos operacionais. Desta forma, a diminuição do volume de negócio da Tecnicil Indústria ao longo dos anos não teve reflexo negativo nos custos operacionais com a exceção dos fornecimentos e serviços externos. Portanto, convém ressaltar que cada unidade de produtos vendidos pela Tecnicil Indústria nos três anos, tiveram maiores custos operacionais no decorrer dos anos.

3.2.6 Parecer Final

Ao longo deste trabalho, muitos conceitos relacionados com a análise económica e financeira foram desenvolvidos de modo a nos permitir entender melhor sobre o equilíbrio financeiro, a rendibilidade, a liquidez e o risco incorrido pela Tecnicil Indústria. Como auxílio na interpretação das demonstrações financeiras, utilizamos os rácios que conduzem a uma melhor interpretação dos dados obtidos através das demonstrações financeiras.

Sintetizando o capítulo II, podemos concluir que a situação da Tecnicil Indústria não é alarmante, mas a mesma mostra alguns sintomas de fragilidades no seu setor de atuação. Perante o exposto no capítulo da análise económica e financeira da Tecnicil Indústria, retêm-se os seguintes aspetos relevantes:

- ✓ A estrutura patrimonial da empresa é estável principalmente no ano 2010, mas nos dois últimos anos em análise, a Tecnicil reduziu paulatinamente a sua estrutura, mas mesmo assim, o princípio de continuidade da empresa não foi posto em causa.
- ✓ A médio e longo prazo a Tecnicil indústria assegurou o equilíbrio financeiro, com a exceção do ano 2011 em que a empresa não conseguiu financiar os seus investimentos de longo prazo com recursos permanentes. Já no ano 2012 a Tecnicil Indústria conseguiu restabelecer o equilíbrio financeiro. Nos anos em estudos, a empresa não teve a capacidade de estar em equilíbrio no curto prazo, o que lhe impossibilitou encontrar o equilíbrio geral, uma vez que o excedente do fundo de maneo nunca foi capaz de cobrir de forma integral as necessidades de fundo de maneo. Perante esta situação, a Tecnicil precisa de repensar a sua estratégia.

- ✓ A nível económico, podemos constatar que o volume de negócio da Tecnicil Indústria diminuiu ao longo dos anos em análises, o que fez com que o rendimento global da empresa diminuir 3% do ano 2010 para o ano 2011 e 1% do ano 2011 para o ano 2012. Mesmo com a redução do rendimento, a Tecnicil Indústria não conseguiu reduzir o seu gasto no ano 2011 e no ano 2012, ou seja, os gastos totais foram reduzidos de forma desproporcional ao decréscimo dos rendimentos. Os custos com mercadorias vendidas representam uma boa parcela do custo total da empresa. Isso obrigou o resultado líquido do período a diminuir todos os anos.
- ✓ Em relação a cash flow, a Tecnicil Indústria obteve uma folga em termos monetários nos dois primeiros anos em análise, isso demonstra que o valor positivo do fluxo operacional foi mais do que suficiente para cobrir os investimentos feitos nos ativos fixos e os pagamentos relacionados com os financiamentos obtidos e os dividendos. Já no ano 2012 a empresa teve que recorrer ao fluxo de caixa dos anos anteriores para poder amenizar a tendência negativa da variação de caixa e seus equivalentes do período.
- ✓ Quanto aos indicadores, podemos constatar que os rácios da liquidez tiveram um comportamento aceitável, excluindo o ano 2011 em que a empresa apresentou a uma maior dificuldade em honrar os seus compromissos de curto prazo. Já no ano 2012 a empresa deu sinais de recuperação. É preciso destacar os inventários da Tecnicil Indústria, uma vez que representa quase 50% da capacidade empresarial para fazer face aos compromissos de curto prazo, sendo assim, a empresa pode ter alguns problemas em converter os inventários em caixa e os seus equivalentes. Do ano 2011 para 2012, o efeito positivo da liquidez geral é alcançado devido ao aumento dos saldos dos clientes, com reflexo negativo na liquidez imediata. Quanto à estrutura do capital da Tecnicil Indústria, podemos constatar que nos últimos três anos em análise 72% dos ativos foram financiados pelos capitais alheios, portanto isso de uma certa forma foi benéfica para a empresa, dado que o custo do capital próprio é maior do que o custo da dívida. É

de realçar que a capacidade da empresa em solver os compromissos de longo prazo não é a desejada, uma vez que a situação ideal é ter uma solvabilidade igual ou superior a 50%. Essa evolução desfavorável foi motivada essencialmente pela diminuição do capital próprio, em consequência da diminuição do resultado líquido e do aumento do passivo. Os rácios de rendibilidade apresentaram valores positivos, mas a evolução ao longo dos anos foi desfavorável, tendo em conta que mesmo com a diminuição do volume de negócio nos três anos em análise, a Tecnicil Indústria não conseguiu reduzir os gastos com mercadorias e nem os gastos com pessoais e nem conseguiu diminuir os outros gastos na mesma proporção que a diminuição das vendas. Isso de uma certa forma, fez o resultado operacional e o resultado antes dos impostos diminuir, sem esquecer que os encargos financeiros não tiveram efeitos pequenos. A rendibilidade do capital próprio e a rendibilidade do ativo tiveram um a evolução negativa ao longo dos anos devido a uma redução significativa do resultado líquido e do ativo líquido. No que se refere aos rácios de funcionamento, podemos observar que a rotação do ativo teve uma evolução favorável e que a rotação do inventário teve uma evolução desfavorável devido a diminuição das vendas. Verifica-se um aumento do prazo médio de recebimento dos clientes com reflexo no aumento do prazo de pagamento aos fornecedores. Com o decréscimo continuado das vendas, houve a necessidade de atribuir mais crédito, aumentando assim o risco de crédito e consequentemente o prazo de recebimento. Portanto, o recebimento tardio do crédito faz com que a empresa, também, não pague aos fornecedores dentro do prazo estipulado.

- ✓ Quanto aos riscos incorridos pela Tecnicil Indústria, destacamos uma evolução desfavorável do GAO, da GAF e da margem de segurança, causada essencialmente pela diminuição das vendas e pelo aumento dos gastos fixos. A diminuição dos gastos financeiros não fizeram diminuir o GAF, uma vez que o resultado operacional diminuiu numa proporção diferente.

Em suma podemos concluir que a situação económica e financeira da Tecnicil Indústria no período 2010 a 2012, não foi boa e nem teve uma evolução favorável no decorrer dos anos. A diminuição do volume do negócio ao longo dos anos, causado por vários fatores, provocou uma diminuição da rendibilidade operacional de ativo e consequentemente o decréscimo da rendibilidade dos acionistas. Portanto a diminuição das vendas, aliado a um aumento da estrutura dos custos foram determinantes na obtenção de um resultado menos desejado.

3.2.7 Sugestão de melhorias

Consciente da revelação da situação económica e financeira da Tecnicil Indústria, feita pela análise económica e financeira, convém a empresa levar em consideração as seguintes sugestões, que com certeza irá melhorar a sua performance nos anos posteriores.

Uma boa medida será a execução de uma forte acção no mercado em marketing e promoções, o que permite a Tecnicil Indústria aumentar o seu volume de negócio, ganhando quota tanto no segmento de água como no dos refrigerantes.

A Tecnicil Indústria precisa rever o sistema capaz de medir a eficiência do setor e proporcionar de forma imediata medidas capazes de gerarem a produção necessária com qualidade e ao menor custo possível.

A Tecnicil Indústria deve melhorar a sua política de descontos e merchandising de modo a melhorar aumentar a sua competitividade perante os concorrentes.

A Tecnicil Indústria deve apostar na venda do refrigerante TRIN 2L, tendo em conta que é um produto destinado a maior segmento do mercado da empresa.

Outra sugestão, seria melhorar a gestão dos seus custos, ou seja, reduzir seus custos fixos contribuindo para uma maior poupança económica. Se esta redução for acompanhada com um aumento da Margem Bruta, a empresa poderia reduzir o valor do

Ponto Crítico. Assim, aumentaria sua capacidade de obtenção de uma Margem de segurança mais elevada, o que reduziria ainda mais o grau de risco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração a finalidade primordial deste trabalho, constatei que a análise económica e financeira é um imprescindível instrumento de avaliação da real situação da empresa e auxilia tanto os gestores (a responder questões relacionadas com a estrutura económica e financeira de uma empresa), como também os utentes das demonstrações financeiras da empresa. É crucial relatar, que em termos conceituais a visão obtida da análise económica e financeira, contribui para o aprimoramento do processo de gestão financeira, que no nosso contemporâneo é de significativa pertinência para as empresas.

A análise evolutiva do desempenho das organizações através dos rácios encontra-se hoje muito generalizada, tendo em conta que se baseia em cálculos de fáceis elaboração e que permite retirar com rapidez conclusões cruciais sobre os principais aspetos das diferentes áreas que se pretendem analisar, em particular sobre a situação económica e financeira da empresa.

Ao longo deste trabalho, procurei aprofundar o máximo possível sobre a análise económica e financeira, que é um tema extremamente importante para as empresas e também para os utentes das empresas. Portanto, ao fim desta pesquisa fiquei com a certeza de que os objetivos pré-fixados foram alcançados, permitindo assim encontrar respostas satisfatórias às perguntas que orientaram esta pesquisa.

Realmente, os dados contabilísticos são matérias-primas das informações, portanto, não basta somente possuí-lo, é necessário que estes sejam trabalhados e analisados de modo a permitir diagnosticar e conhecer a saúde económica e financeira da empresa e propor

algumas medidas corretivas com finalidade de evitar ou prevenir contra uma possível evolução menos favorável.

A meu ver, o objectivo principal foi atendido, muito embora, encontrando algumas limitações, em termos de bibliografia actualizada e disponível, limitação do tempo de pesquisa e da extensão do próprio trabalho, entre outros factores que não estiveram ao meu alcance.

O tema análise económico e financeiro não se esgota com esta pesquisa, pelo que a continuidade da pesquisa do tema seria crucial para o aprimoramento da análise e da interpretação, visando informar os gestores e os interessados qual é a saúde e o posicionamento da empresa no mercado.

Espero que este trabalho produza reflexo em termos profissionais e académicos, e para futuras pesquisas aconselho a utilização das demais técnicas de avaliação das empresas, pois permitirá fazer um diagnóstico mais coerente e preciso.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Livros consultados:

ALMEIDA, RUI M. P. (2009). O Sistema de Normalização Contabilística e de Relato Financeiro – SNCRF- de Cabo Verde. ATF – Edições Técnicas.

BORGES, A. [et al] (2004). Contabilidade e Finanças para a gestão. 2ª Edição, Área Editora, SA.

BORGES, A; FERRÃO & MARTINS (2000). A contabilidade e a Prestação de Conta: uma abordagem integrada dos aspetos contabilísticos, fiscais e de direito das sociedades. 8ª Ed. Porto: Editora rei dos livros. ISBN 972-51-0935-X.

BREALEY, R. A. e MYERS, Stewart C (1998) – Princípios de finanças Empresariais. 5ª Edição. Lisboa: McGraw-Hill.

CARVALHO, C. N. & MAGALHÃES, G. (2002). Análise Económico-Financeira de Empresas. 1ª Edição. Lisboa: Universidade Católica Editora.

DA COSTA, C. B. & ALVES, G. C (2001). Contabilidade Financeira. 4ª Edição. Lisboa: Editora Rei Dos Livros.

DAS NEVES, J. C. (2009). Analise Financeira – Técnicas Fundamentais. Editora Textos.

FERNANDES, CARLA. [et al] (2012). Analise Financeira: Teoria e Pratica. 1ª Edição.

GONCALVES, CRISTINA. [et al] (2012). Relato Financeiro Interpretação e Analise. Editor, Vida Económica. ISBN- 978-972-788-446-9

MOTA, A. G., & CUSTODIO, C. (2012). Finanças da Empresa. 3ª Edição.

NABAIS, C. (1997). Como Interpretar um balanço. Editorial Presença, Lda.

NABAIS, C.& NABAIS F. (2009). Prática Financeiras I – Analise Económica e Financeira. 5ª Edição. Lidel Edição Técnicas.

NABAIS, C.& NABAIS F. (2011). Prática Financeiras I – Analise Económica e Financeira. 6ª Edição. Lidel Edição Técnicas.

PADOVEZE, C. L. & BENEDICTO, G.C. (2004). Análise das Demonstrações Financeiras. São Paulo: pioneira Thomson Learning.

PINHO, C. S.& TAVARES, S. (2005). Analise Financeira e Mercados. Lisboa: Área Editora, SA.

SANVICENTE, Antônio Zoratto (1981). Administração Financeira. São Paulo. Atlas

SCHRICHEL, WOLFGANG KURT. (1997). Demonstrações financeiras: abrindo a caixa preta: como interpretar balanços para concessão de empréstimo. São Paulo: Atlas, 1997.

SILVA, EDUARDO SÁ. (2011). Gestão Financeira: Análise de Fluxos Financeiros. 5ªEd, Vida Económica Editorial, SA.

SOLNIK B. (1996) - Gestão Financeira Conceitos e Modelos Essenciais. Portugal: Gráfica Europam, Lda. Publicações Europa América (1945-1995).

Ditografias:

Relatórios de Contas de Tecniciil Indústria

Sitografias:

www.google.com

www.portaldoconhecimento.gov.cv

www.arsa-cv.blogspot.com

www.wikipedia.org

www.tindustria.com

ANEXO

Anexo 1 - Balanço Patrimonial da TecniciL Indústria

Moeda: mCVE

RUBRICAS	Moeda: mCVE		
	31-12-2012	31-12-2011	31-12-2010
	Valores	Valores	Valores
ATIVO			
Activo não corrente			
Ativos fixos tangíveis	540.198	642.431	692.536
Terreno e recursos naturais	9.342	9.342	9.342
Edificio outras construções	220.508	229.035	238.706
Equipamento Basico	222.628	292.352	350.257
Equipamento de Transporte	40.140	59.697	46.430
Equipamento administrativo	9.325	14.367	18.668
Outros ativos fixos tangíveis	38.256	37.639	29.133
Ativos Intangíveis	13.256	11.560	7.970
Programa de computador	3.288	3.882	7.970
Participação financeira - Outros métodos	7.678	7.678	0
Ativos por impostos diferidos	2.291	0	0
Total do ativo não corrente	553.454	653.991	700.506
Activo corrente			
Inventário	122.698	140.880	109.221
Mercadorias	7.144	13.000	0
Produtos acabados e intermédios	37.149	29.658	28.594
Matérias primas subsidiárias e de consumo	73.721	93.092	80.627
Outros produtos de consumos	4.685	5.130	0
Clientes	110.194	63.250	63.005
Adiantamentos a fornecedores	4.995	5.195	4.579
Acionista	0	0	1.500
Diferimentos	10.704	1.480	1.224
Outras contas a receber	29.435	27.571	27.340
Caixa e depósitos bancários	8.368	17.773	15.235
Total do ativo corrente	286.394	256.149	222.104
Total do ativo	839.848	910.140	922.610
CAPITAL PRÓPRIO E PASSIVO			
Capital próprio			
Capital realizado	85.800	85.800	85.800
Reservas legais	13.955	13.203	9.263
Outas reservas	144.153	140.396	112.812
Resultado líquido do período	9.540	15.029	78.810
Total do capital próprio (antes de interesses minoritários)	253.448	254.428	286.685
Interesses minoritários			
Total do capital próprio	253.448	254.428	286.685
PASSIVO			
Passivo não corrente			
Provisões	15.960	15.960	15.960
Financiamentos obtidos	311.986	373.240	404.197
Total do passivo não corrente	327.946	389.200	420.157
Passivo corrente			
Fornecedores	73.380	81.930	57.128
Adiantamentos de clientes	168	8	6
Estado e outros entes públicos	19.074	15.020	17.097
Accionistas/socios	19.669	20.038	2
Financiamentos obtidos	100.637	73.442	92.950
Outras contas a pagar	45.526	76.074	48.585
Total do passivo corrente	258.454	266.512	215.768
Total do passivo	586.400	655.712	635.925
Total do Capital Próprio e do Passivo	839.848	910.140	922.610

Fonte: Relatórios e contas de 2010 a 2012

Anexo 2 - Demonstração de Resultados da Tecnici Indústri

Moeda: mCVE

RUBRICAS	PERIODO			
	31-12-2012		31-12-2011	31-12-2010
	Notas	Valores	Valores	Valores
Vendas e Prestações de serviços		728.148	741.044	747.675
Variação nos inventario de produções		15.680	11.173	14.792
Gasto com mercadorias vendidas e matérias consumidas		-220.527	-216.845	-193.140
Resultado operacional bruto		523.301	535.372	569.327
Fornecimentos e serviços externos		-219.491	-228.181	-230.188
Valor acrescentado bruto		303.810	307.192	339.139
Gastos com o pessoal		-107.927	-104.795	-99.677
Ajustamento d inventários (perdas/reversões)		-2.384	-7.022	-2.251
Imparidade de dívidas a receber (perdas/reversões)		-7.425	-4.240	0
Provisões (aumento/redução)		0	0	-3.000
Outros gastos e perdas		-13.278	-15.047	-8.109
Outros rendimentos e ganhos		3.575	3.280	15.096
Res. antes de depreciações, amort., perdas/ganhos de financiamento e impostos		176.371	179.368	241.198
Gastos/Reversões de depreciação e de amortização		-131.870	-127.437	-119.522
Perdas/reversões por impariade de ativos depreciables/amortizáveis		0	9	0
Resultado operacional		44.501	51.940	121.676
Juros e ganhos similiras suportdos		2.060	0	0
Juros e perdas similares suportados		-35.015	-36.911	-42.866
Resultado antes de Impostos		11.546	15.029	78.810
Imposto sobre o rendimento do periodo		-2.006	0	0
Resultado liquido do periodo		9.540	15.029	78.810

Fonte: Relatórios e contas de 2010 a 2012

Anexo 3 - Demonstração de Fluxo de Caixa da Tecnici Indústri

Moeda: mCVE

RUBRICAS	PERÍODO			
	2012		2011	2010
	Notas	Valores	Valores	Valores
Método Directo				
<u>Fluxos de caixa das actividades operacionais</u>				
Recebimentos de clientes		794.326,00	835.483,00	857.261,00
Pagamentos a fornecedores		-505.683,00	-502.698,00	-535.776,00
Pagamentos ao pessoal		-97.012,00	-87.788,00	-87.853,00
Caixa gerada pelas operações		191.631,00	244.997,00	233.633,00
Pagamento/recebimento do imposto sobre o rendimento		-1.100,00	-1.287,00	0,00
Outros pagamentos		-82.329,00	-76.794,00	-54.234,00
Fluxos de caixa das actividades operacionais (1)		108.202,00	166.915,00	179.399,00
<u>Fluxos de caixa das actividades de investimento</u>				
Pagamentos respeitantes a:		-39.934,00	-51.373,00	-107.264,00
Activos fixos tangíveis		-38.606,00	-51.317,00	-102.851,00
Activos intangíveis		-1.328,00	-56,00	-4.413,00
Recebimentos provenientes de:		141,00	0,00	0,00
Juros e rendimentos similares		141,00	0,00	0,00
Fluxos de caixa das actividades de investimento (2)		-39.793,00	-51.372,00	-107.264,00
<u>Fluxos de caixa das actividades de financiamento</u>				
Recebimentos provenientes de:		16.720,00	38.280,00	47.000,00
Financiamentos obtidos		16.720,00	38.280,00	47.000,00
Pagamentos respeitantes a:		-106.193,00	-137.291,00	-106.175,00
Financiamentos obtidos		-62.476,00	-76.032,00	-51.923,00
Juros e gastos similares		-32.828,00	-35.509,00	-35.833,00
Dividendos		-10.889,00	-25.750,00	-18.419,00
Fluxos de caixa das actividades de financiamento (3)		-89.474,00	-99.011,00	-59.175,00
Variação de caixa e seus equivalentes (1+2+3)		-21.065,00	16.532,00	12.960,00
Caixa e seus equivalentes no início do período		17.773,00	1.241,00	-11.719,00
Caixa e seus equivalentes no fim do período		-3.292,00	17.773,00	1.241,00

Fonte: Relatórios e contas de 2010 a 2012

APÊNDICE

Apêndice 1 - Balanço da TecniciL Indústria com Dinâmica

Moeda: mCVE

RUBRICAS				Variação			
	31-12-2012	31-12-2011	31-12-2010	2012/2011		2011/2010	
	Valores	Valores	Valores	Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa
ATIVO							
Activo não corrente							
Ativos fixos tangíveis	540.198	642.431	692.536	-102.233	-15,9%	-50.105	-7,2%
Ativos Intangíveis	13.256	11.560	7.970	1.696	14,7%	3.590	45,0%
Total do ativo não corrente	553.454	653.991	700.506	-100.537	-15,4%	-46.515	-6,6%
Activo corrente							
Inventário	122.698	140.880	109.221	-18.182	-12,9%	31.659	29,0%
Clientes	110.194	63.250	63.005	46.944	74,2%	245	0,4%
Adiantamentos a fornecedores	4.995	5.195	4.579	-200	-3,8%	616	13,5%
Acionista	0	0	1.500			-1.500	-100,0%
Diferimentos	10.704	1.480	1.224	9.224	623,2%	256	20,9%
Outras contas a receber	29.435	27.571	27.340	1.864	6,8%	231	0,8%
Caixa e depósitos bancários	8.368	17.773	15.235	-9.405	-52,9%	2.538	16,7%
Total do ativo corrente	286.394	256.149	222.104	30.245	11,8%	34.045	15,3%
Total do ativo	839.848	910.140	922.610	-70.292	-7,7%	-12.470	-1,4%
CAPITAL PRÓPRIO E PASSIVO							
Capital próprio							
Capital realizado	85.800	85.800	85.800	0	0,0%	0	0,0%
Reservas legais	13.955	13.203	9.263	752	5,7%	3.940	42,5%
Outas reservas	144.153	140.396	112.812	3.757	2,7%	27.584	24,5%
Resultado líquido do período	9.540	15.029	78.810	-5.489	-36,5%	-63.781	-80,9%
Total do capital próprio (antes de interesses minoritários)	253.448	254.428	286.685	-980	-0,4%	-32.257	-11,3%
Interesses minoritários							
Total do capital próprio	253.448	254.428	286.685	-980	-0,4%	-32.257	-11,3%
PASSIVO							
Passivo não corrente							
Provisões	15.960	15.960	15.960	0	0,0%	0	0,0%
Financiamentos obtidos	311.986	373.240	404.197	-61.254	-16,4%	-30.957	-7,7%
Total do passivo não corrente	327.946	389.200	420.157	-61.254	-15,7%	-30.957	-7,4%
Passivo corrente							
Fornecedores	73.380	81.930	57.128	-8.550	-10,4%	24.802	43,4%
Adiantamentos de clientes	168	8	6	160	2000,0%	2	33,3%
Estado e outros entes públicos	19.074	15.020	17.097	4.054	27,0%	-2.077	-12,1%
Accionistas/socios	19.669	20.038	2	-369	-1,8%	20.036	1001800,0%
Financiamentos obtidos	100.637	73.442	92.950	27.195	37,0%	-19.508	-21,0%
Outras contas a pagar	45.526	76.074	48.585	-30.548	-40,2%	27.489	56,6%
Total do passivo corrente	258.454	266.512	215.768	-8.058	-3,0%	50.744	23,5%
Total do passivo	586.400	655.712	635.925	-69.312	-10,6%	19.787	3,1%
Total do Capital Próprio e do Passivo	839.848	910.140	922.610	-70.292	-7,7%	-12.470	-1,4%

Fonte: Elaboração própria

Apêndice 2 - Balanço Funcional da Tecnicil Indústria

Moeda: mCV

	31-12-2012	31-12-2011	31-12-2010
	Valores	Valores	Valores
Aplicações			
Ativos fixos			
Ativos fixos tangíveis	540.198	642.431	692.536
Ativos Intangíveis	13.256	11.560	7.970
TOTAL	553.454	653.991	700.506
Necessidades Cíclicas			
Inventário	122.698	140.880	109.221
Clientes	110.194	63.250	63.005
Adiantamentos a fornecedores	4.995	5.195	4.579
Acionista	0	0	1.500
TOTAL	237.887	209.325	178.305
Tesouraria Ativa			
Diferimentos	10.704	1.480	1.224
Outras contas a receber	29.435	27.571	27.340
Caixa e depósitos bancários	8.368	17.773	15.235
TOTAL	48.507	46.824	43.799

Recursos			
Capital Permanente			
Capital realizado	85.800	85.800	85.800
Reservas legais	13.955	13.203	9.263
Outas reservas	144.153	140.396	112.812
Resultado líquido do período	9.540	15.029	78.810
Provisões	15.960	15.960	15.960
Financiamentos obtidos	311.986	373.240	404.197
TOTAL	581.394	643.628	706.842
Recursos Cíclicos			
Fornecedores	73.380	81.930	57.128
Adiantamentos de clientes	168	8	6
Estado e outros entes públicos	19.074	15.020	17.097
Accionistas/socios	19.669	20.038	2
TOTAL	112.291	116.996	74.233
Tesouraria Passiva			
Financiamentos obtidos	100.637	73.442	92.950
Outras contas a pagar	45.526	76.074	48.585
TOTAL	146.163	149.516	141.535

Fonte: Elaboração própria

Apêndice 3 - Demonstração de Resultados com Dinâmica

Moeda: mCVE

RUBRICAS	PERÍODO				Variação			
	31-12-2012		31-12-2011	31-12-2010	2012/2011		2011/2010	
	Notas	Valores	Valores	Valores	Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa
Vendas e Prestações de serviços		728.148	741.044	747.675	-12.896	-1,74%	-6631	-0,89%
Variação nos inventário de produções		15.680	11.173	14.792	4507	40%	-3619	-24%
Gasto com mercadorias vendidas e matérias consumidas		-220.527	-216.845	-193.140	-3.682	2%	-23.705	12%
Resultado operacional bruto		523.301	535.372	569.327	-12.071	-2%	-33.955	-6%
Fornecimentos e serviços externos		-219.491	-228.181	-230.188	8.690	-4%	2.007	-1%
Valor acrescentado bruto		303.810	307.192	339.139	-3.382	-1%	-31.947	-9%
Gastos com o pessoal		-107.927	-104.795	-99.677	-3.132	3%	-5.118	5%
Ajustamento d inventários (perdas/reversões)		-2.384	-7.022	-2.251	4.638	-66%	-4.771	212%
Imparidade de dívidas a receber (perdas/reversões)		-7.425	-4.240	0	-3.185	75%	-4.240	0%
Provisões (aumento/redução)		0	0	-3.000	0	0%	3.000	-100%
Outros gastos e perdas		-13.278	-15.047	-8.109	1.769	-12%	-6.938	86%
Outros rendimentos e ganhos		3.575	3.280	15.096	295	9%	-11.816	-78%
Res. antes de depreciações, amort., perdas/ganhos de financiamento e impostos		176.371	179.368	241.198	-2.997	-2%	-61.830	-26%
Gastos/Reversões de depreciação e de amortização		-131.870	-127.437	-119.522	-4.433	3%	-7.915	7%
Perdas/reversões por imparidade de ativos depreciables/amortizáveis		0	9	0	-9	-100%	9	0%
Resultado operacional		44.501	51.940	121.676	-7.439	-14%	-69.736	-57%
Juros e ganhos similares suportados		2.060	0	0	2.060	0%		
Juros e perdas similares suportados		-35.015	-36.911	-42.866	1.896	-5%	5.955	-14%
Resultado antes de Impostos		11.546	15.029	78.810	-3.483	-23%	-63.781	-81%
Imposto sobre o rendimento do período		-2.006	0	0	-2.006	0%		
Resultado liquido do período		9.540	15.029	78.810	-5.489	-37%	-63.781	-81%

Fonte: Elaboração própria

Apêndice 4 - Análise Vertical e Horizontal do Balanço

Moeda: mCVE

BALANÇO	Análise Vertical e Horizontal								
	31-12-2012	31-12-2011	31-12-2010	2012		2011		2010	
	Valores	Valores	Valores	AV	AH	AV	AH	AV	AH
ATIVO									
Activo não corrente									
Ativos fixos tangíveis	540.198	642.431	692.536	64,3%	-15,9%	70,6%	-7,2%	75,1%	-
Ativos Intangíveis	13.256	11.560	7.970	1,6%	14,7%	1,3%	45,0%	0,9%	-
Total do ativo não corrente	553.454	653.991	700.506	65,9%	-15,4%	71,9%	-6,6%	75,9%	-
Activo corrente									
Inventário	122.698	140.880	109.221	14,6%	-12,9%	15,5%	29,0%	11,8%	-
Clientes	110.194	63.250	63.005	13,1%	74,2%	6,9%	0,4%	6,8%	-
Adiantamentos a fornecedores	4.995	5.195	4.579	0,6%	-3,8%	0,6%	13,5%	0,5%	-
Acionista	0	0	1.500	0,0%	0,0%	0,0%	-100,0%	0,2%	-
Diferimentos	10.704	1.480	1.224	1,3%	623,2%	0,2%	20,9%	0,1%	-
Outras contas a receber	29.435	27.571	27.340	3,5%	6,8%	3,0%	0,8%	3,0%	-
Caixa e depósitos bancários	8.368	17.773	15.235	1,0%	-52,9%	2,0%	16,7%	1,7%	-
Total do ativo corrente	286.394	256.149	222.104	34,1%	11,8%	28,1%	15,3%	24,1%	-
Total do ativo	839.848	910.140	922.610	100%	-7,7%	100%	-1,4%	100%	-
CAPITAL PRÓPRIO									
Capital próprio									
Capital realizado	85.800	85.800	85.800	33,9%	0,0%	33,7%	0,0%	29,9%	-
Reservas legais	13.955	13.203	9.263	5,5%	5,7%	5,2%	42,5%	3,2%	-
Outas reservas	144.153	140.396	112.812	56,9%	2,7%	55,2%	24,5%	39,4%	-
Resultado líquido do período	9.540	15.029	78.810	3,8%	-36,5%	5,9%	-80,9%	27,5%	-
Total do capital próprio	253.448	254.428	286.685	100%	-0,4%	100%	-11,3%	100%	-
PASSIVO									
Passivo não corrente									
Provisões	15.960	15.960	15.960	2,7%	0,0%	2,4%	0,0%	2,5%	-
Financiamentos obtidos	311.986	373.240	404.197	53,2%	-16,4%	56,9%	-7,7%	63,6%	-
Total do passivo não corrente	327.946	389.200	420.157	55,9%	-15,7%	59,4%	-7,4%	66,1%	-
Passivo corrente									
Fornecedores	73.380	81.930	57.128	12,5%	-10,4%	12,5%	43,4%	9,0%	-
Adiantamentos de clientes	168	8	6	0,0%	2000,0%	0,0%	33,3%	0,0%	-
Estado e outros entes públicos	19.074	15.020	17.097	3,3%	27,0%	2,3%	-12,1%	2,7%	-
Accionistas/socios	19.669	20.038	2	3,4%	-1,8%	3,1%	1001800%	0,0%	-
Financiamentos obtidos	100.637	73.442	92.950	17,2%	37,0%	11,2%	-21,0%	14,6%	-
Outras contas a pagar	45.526	76.074	48.585	7,8%	-40,2%	11,6%	56,6%	7,6%	-
Total do passivo corrente	258.454	266.512	215.768	44,1%	-3,0%	40,6%	23,5%	33,9%	-
Total do passivo	586.400	655.712	635.925	100%	-10,6%	100%	3,1%	100%	-

Fonte: Elaboração própria

Apêndice 5- Análise Vertical e Horizontal da Demonstração de Resultados

Moeda: mCVE

RUBRICAS	Análise Vertical e Horizontal								
		31-12-2011	31-12-2010	2012		2011		2010	
	Valores	Valores	Valores	AV	AH	AV	AH	AV	AH
Vendas e Prestações de serviços	728.148	741.044	747.675	100%	-1,7%	100%	-0,9%	100%	-
Variação nos inventário de produções	15.680	11.173	14.792	2,2%	40,3%	1,5%	-24,5%	2,0%	-
Gasto com mercadorias vendidas e matérias consumidas	-220.527	-216.845	-193.140	-30,3%	1,7%	-29,3%	12,3%	-25,8%	-
Resultado operacional bruto	523.301	535.372	569.327	71,9%	-2,3%	72,2%	-6,0%	76,1%	-
Fornecimentos e serviços externos	-219.491	-228.181	-230.188	-30,1%	-3,8%	-30,8%	-0,9%	-30,8%	-
Valor acrescentado bruto	303.810	307.192	339.139	41,7%	-1,1%	41,5%	-9,4%	45,4%	-
Gastos com o pessoal	-107.927	-104.795	-99.677	-14,8%	3,0%	-14,1%	5,1%	-13,3%	-
Ajustamento d inventários (perdas/reversões)	-2.384	-7.022	-2.251	-0,3%	-66,0%	-0,9%	212,0%	-0,3%	-
Imparidade de dívidas a receber (perdas/reversões)	-7.425	-4.240	0	-1,0%	75,1%	-0,6%	0,0%	0,0%	-
Provisões (aumento/redução)	0	0	-3.000	0,0%	0,0%	0,0%	-100,0%	-0,4%	-
Outros gastos e perdas	-13.278	-15.047	-8.109	-1,8%	-11,8%	-2,0%	85,6%	-1,1%	-
Outros rendimentos e ganhos	3.575	3.280	15.096	0,5%	9,0%	0,4%	-78,3%	2,0%	-
Res. antes de depreciações, amort., perdas/ganhos de financiamento e impostos	176.371	179.368	241.198	24,2%	-1,7%	24,2%	-25,6%	32,3%	-
Gastos/Reversões de depreciação e de amortização	-131.870	-127.437	-119.522	-18,1%	3,5%	-17,2%	6,6%	-16,0%	-
Perdas/reversões por imparidade de ativos depreciables/amortizáveis	0	9	0	0,0%	-100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	-
Resultado operacional	44.501	51.940	121.676	6,1%	-14,3%	7,0%	-57,3%	16,3%	-
Juros e ganhos similares suportdos	2.060	0	0	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	-
Juros e perdas similares suportados	-35.015	-36.911	-42.866	-4,8%	-5,1%	-5,0%	-13,9%	-5,7%	-
Resultado antes de Impostos	11.546	15.029	78.810	1,6%	-23,2%	2,0%	-80,9%	10,5%	-
Imposto sobre o rendimento do periodo	-2.006	0	0	-0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	-
Resultado liquido do periodo	9.540	15.029	78.810	1,3%	-36,5%	2,0%	-80,9%	10,5%	-

Fonte: Elaboração própria

Apêndice 6- Demonstração de Fluxo de caixa com Dinâmica

Moeda: mCVE

RUBRICAS	PERÍODO				Variação			
	2012		2011	2010	2012/2011		2011/2010	
	Notas	Valores	Valores	Valores	Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa
Método Directo								
<u>Fluxos de caixa das actividades operacionais</u>								
Recebimentos de clientes		794.326,00	835.483,00	857.261,00	-41.157	-4,93%	-21.778	-2,54%
Pagamentos a fornecedores		-505.683,00	-502.698,00	-535.776,00	-2.985	0,59%	33.078	-6,17%
Pagamentos ao pessoal		-97.012,00	-87.788,00	-87.853,00	-9.224	10,51%	65	-0,07%
Caixa gerada pelas operações		191.631,00	244.997,00	233.633,00	-53.366	-21,78%	11.364	4,86%
Pagamento/recebimento do imposto sobre o rendimento		-1.100,00	-1.287,00	0,00	187	-14,53%	-1.287	0,00%
Outros pagamentos		-82.329,00	-76.794,00	-54.234,00	-5.535	7,21%	-22.560	41,60%
Fluxos de caixa das actividades operacionais (1)		108.202,00	166.915,00	179.399,00	-58.713	-35,18%	-12.484	-6,96%
<u>Fluxos de caixa das actividades de investimento</u>								
Pagamentos respeitantes a:		-39.934,00	-51.373,00	-107.264,00	11.439	-22,27%	55.891	-52,11%
Activos fixos tangíveis		-38.606,00	-51.317,00	-102.851,00	12.711	-24,77%	51.534	-50,11%
Activos intangíveis		-1.328,00	-56,00	-4.413,00	-1.272	2271,43%	4.357	-98,73%
Recebimentos provenientes de:		141,00	0,00	0,00	141	0,00%	0	0,00%
Juros e rendimentos similares		141,00	0,00	0,00	141	0,00%	0	0,00%
Fluxos de caixa das actividades de investimento (2)		-39.793,00	-51.372,00	-107.264,00	11.579	-22,54%	55.892	-52,11%
<u>Fluxos de caixa das actividades de financiamento</u>								
Recebimentos provenientes de:		16.720,00	38.280,00	47.000,00	-21.560	-56,32%	-8.720	-18,55%
Financiamentos obtidos		16.720,00	38.280,00	47.000,00	-21.560	-56,32%	-8.720	-18,55%
Pagamentos respeitantes a:		-106.193,00	-137.291,00	-106.175,00	31.098	-22,65%	-31.116	29,31%
Financiamentos obtidos		-62.476,00	-76.032,00	-51.923,00	13.556	-17,83%	-24.109	46,43%
Juros e gastos similares		-32.828,00	-35.509,00	-35.833,00	2.681	-7,55%	324	-0,90%
Dividendos		-10.889,00	-25.750,00	-18.419,00	14.861	-57,71%	-7.331	39,80%
Fluxos de caixa das actividades de financiamento (3)		-89.474,00	-99.011,00	-59.175,00	9.537	-9,63%	-39.836	67,32%
Variação de caixa e seus equivalentes (1+2+3)		-21.065,00	16.532,00	12.960,00	-37.597	-227,42%	3.572	27,56%
Caixa e seus equivalentes no início do período		17.773,00	1.241,00	-11.719,00	16.532	1332,15%	12.960	-110,59%
Caixa e seus equivalentes no fim do período		-3.292,00	17.773,00	1.241,00	-21.065	-118,52%	16.532	1332,15%

Fonte: Elaboração própria

Apêndice 7 - Rácios da Tecniciil Indústria

CLASSIFICAÇÃO DOS RACIOS	ANO		
	2010	2011	2012
RACIOS DE LIQUIDEZ			
LIQUIDEZ GERAL	1,03	0,96	1,11
LIQUIDEZ REDUZIDA	0,52	0,43	0,63
LIQUIDEZ IMEDIATA	0,071	0,067	0,032
RACIOS DE ESTRUTURA			
RACIOS ENDIVIDAMENTO	0,77	0,71	0,69
AUTONOMIA FINANCEIRA	31,07%	27,95%	30,18%
SOLVABILIDADE	45,08%	38,80%	43,22%
RACIOS DE RENDIBILIDADE			
RENDIBILIDADE OPERACIONAL DAS VENDAS	16,27%	7,01%	6,11%
RENDIBILIDADE LIQUIDA DAS VENDAS	10,54%	2,03%	1,31%
RENDIBILIDADE DO CAPITAL PRÓPRIO	27,49%	5,91%	3,76%
RENDIBILIDADE OPERACIONAL DO ATIVO	13,19%	5,71%	5,30%
RACIOS DE FUNCIONAMENTO			
ROTAÇÃO DO ATIVO	0,81	0,81	0,83
ROTAÇÃO DO INVENTARIO	8,67	5,93	5,53
PRAZO MEDIO DO RECEBIMENTO	30	31	43
PRAZO MEDIO DO PAGAMENTO	27	50	62

Fonte: Elaboração própria

